

Caminhões anfíbios de 2½ toneladas, do Exército, ao chegarem à praia, vindos de bordo



EM GUARDA

ANO 3

Para a defesa das Américas

N. 3



PARAQUEDISTA



O DEVER DO MUNDO

A MÁGNA TAREFA DE SOCORRER E AUXILIAR AS NAÇÕES LIBERTADAS

VER Nápoles e morrer", era uma expressão corrente para glorificar a pitoresca beleza da grande cidade italiana. Mas nos recentes dias finais da sua trágica subjugação ao nazismo, pouco havia que ver quando seus moradores, arrastando-se para fora dos abrigos e de dentro de suas moradias em escombros, davam as boas vindas às tropas aliadas libertadoras. Muitos morreram, no ligeiro mas sanguinolento sítio. Então, apenas o disparo isolado de algum atirador de tacônia e a subsequente resposta do fogo de uma metralhadora quebravam o silêncio fórra do comum dessa cidade de um milhão de habitantes.

A atmosfera de pavor criada pelos excessos que os alemães praticaram, sem justificação alguma em necessidades de caráter militar, predominava de um ponto a outro da grande metrópole situada no porto mais movimentado da Itália.

Nas ruas, o tráfego era nulo. A grande estação ferroviária apresentava-se como uma massa de metais retorcidos. O único ruído de veículos era o das viaturas militares mecanizadas.

Sete semanas antes, os tedescos tinham destruído os aquedutos e todos os pequenos reservatórios d'água. Aqueles que ainda estavam intactos eram insignificantes para satisfazer às necessidades da população e muitas eram as pessoas do povo que se viam obrigadas a recorrer à água existente nos canos de esgôto, que também se tornou escassa. As tropas nazistas, na sua retirada, se apoderaram de todo o pão, chegando mesmo a arrancá-lo das mãos de velhos, mulheres e crianças. Os serviços públi-

cos estavam completamente desorganizados: não havia gas, eletricidade nem telefone. Quanto a drogas e remédios, a carência era enorme. Os alemães tinham removido todo o material de estrada de ferro que não tinha sido destruído pelo bombardeio dos aliados. Na sua fuga, levaram todos os veículos de que puderam lançar mão, até os bondes elétricos. O exército libertador tinha diante de si a imensa tarefa de reconstruir e restaurar tudo, para normalizar a vida na cidade.

A fúria nazista ficou estampada através desses atos de repugnante barbarismo, dessas violências que só mesmo um exército organizado essencialmente para a prática da rapinagem à mão armada seria capaz de praticar.

Os gêneros alimentícios e os medicamentos foram os primeiros a chegar, porque numerosos caminhões já se achavam a caminho, procedentes do sul, com grandes carregamentos de abastecimentos para as tropas que avançavam e para as populações civis. Por sua vez, barcaças atropetadas de mantimentos abriam caminho no porto, pelo labirinto de navios e embarcações nazistas afundados durante o ataque.

Os corpos de engenheiros entraram imediatamente em ação, restaurando os serviços públicos. Dentro de duas semanas, apesar de todas as dificuldades, a cidade tinha o serviço de iluminação restaurado em dezesseis dias começavam a se movimentar os primeiros trens na estação de Nápoles. Para isso, locomotivas, vagões e bondes elétricos foram trazidos da Sicília. O primeiro navio que pôde abrir passagem pelo canal do porto estava

carregado de farinha de trigo, mas para o movimento normal, as docas tinham que passar por completos reparos.

Os refugiados começaram a voltar para a cidade, em busca de suas residências. Casas comerciais foram se abrindo pouco a pouco, sendo que as barbearias foram as primeiras a voltar à normalidade. A população, apesar da tremenda tragédia que a atingira, demonstrava o alívio e a confiança causadas pela presença das forças aliadas, cuja campanha de libertação se mesclava imediatamente com a formidável obra de reconstrução. Nápoles destruída começava a ressurgir dos escombros de uma das maiores atrocidades registadas nos anais desta guerra.

Os exércitos aliados esperam encontrar muitas cidades nas quais não impera somente a fome e a desolação, mas também os horrores do tiflo.

O braço é gigantesco, mas as Nações Unidas já estão dando provas de sua capacidade de cooperação. Conforme afirmou o Presidente Roosevelt em sua mensagem ao Congresso, em Setembro último, "a política da Boa Vinzinha tem produzido resultados tão notáveis na América que a sua aplicação ao mundo inteiro parece ser o passo mais indicado, e só assim poderemos manter a fé nos nossos filhos que estão se batendo pela liberdade, pela justiça e pela segurança da pátria e do mundo."

Quando cessarem as hostilidades, muitas nações da Europa e do Extremo Oriente estarão em caótica situação. Enfrentarão a fome, porque os agressores do Eixo destruíram suas colheitas, suas sementes,

Vê-se à esquerda como é enorme o trabalho de reconstrução de Battipaglia, perto de Salerno. Em baixo: a cerimônia, em Washington, do estabelecimento da Administração de Rehabilitação e Socorro das Nações Unidas, destinada a prover de víveres e de roupas as populações dos países libertados do jugo nazista. Participaram 44 nações



EM GUARDA é publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 W. 42nd Street, Nova York. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia. Classificada como impresso de segunda classe no correio de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, E.U.A., a 8 de Abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de Março de 1873. Ano 3, N. 3.



Uma cidade russa deixada em ruínas pelos alemães. É um caso típico da necessidade de assistência das Nações Unidas para socorrer as populações desvalidas



A população da França enfrenta uma precária situação em matéria de subsistências. Muitos franceses estão sob o regime de trabalho forçado dos nazistas. Depois da guerra, centenas de milhares de homens e de mulheres necessitarão de recursos vitais



Este cavalo e o carro foram confiscados pelos nazistas. Seu dono, um agricultor norueguês, foi preso só porque levou carne e ovos para os moradores da sua vila. Na Europa, os nazistas já confiscaram muitos milhões de cabeças de gado e de cavalos

(Continuação)

seu gado, e confiscaram os animais de tração, sem os quais não é possível trabalhar a terra eficientemente. Das populações sacrificadas, milhões de pessoas estarão enfermas, vítimas de inúmeras doenças, causada pelas privações da guerra e pela maldade dos exércitos do Eixo, que, em sua retirada, levaram toda provisão de medicamentos existentes.

E' uma tarefa que diz respeito à conferência de alimentos das Nações Unidas, realizada em Hot Springs, Virginia, na primavera passada, e à Conferência das Nações Unidas sobre socorro e reabilitação, realizada em Atlantic City, Nova Jersey, em Novembro.

Essa é a tarefa que os líderes da Nações Unidas enfrentam agora. O Presidente Roosevelt a descreveu quando declarou que os exércitos das Nações Unidas, à medida que fossem avançando para a vitória, iriam levando também alimentos e remédios. Mas isto será apenas o começo.

"As forças das Nações Unidas," disse o Presidente, "levarão alimentos para os necessitados e remédios para os enfermos. Tudo que for possível será feito para restaurar nas suas bases vitais cada um dos países libertados, ajudando-os assim a contribuir para a vitória das Nações Unidas e para a paz que se seguir."

As Nações Unidas e as nações a elas associadas—44 nações inclusive 20 Repúblicas Americanas—criaram a Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas para levar ajuda às terras libertadas. Quando assinaram o acordo estabelecendo a administração, o Presidente Roosevelt declarou: "Os sofrimentos dos homens e das mulheres que têm estado subjugados sob o tacão do Eixo só poderão ser aliviados se nos utilizarmos da produção de todo o mundo para compensar as necessidades do mundo inteiro."

Quando terminar a guerra, esta será a deplorável situação na Europa, isto é, na Noruega, na Dinamarca, na Holanda, na França, na Itália e nos países balcânicos: setenta milhões, de almas, homens, mulheres e crianças, no mínimo, estarão completamente desprovidos de recursos — sem lar, sem sustento, sem roupas, sem remédios. No interior da Europa, mais outras dezenas de milhões estarão na mesma miséria. Nas regiões do Pacífico, quando os japoneses forem forçados a abandonar seus domínios, milhões de criaturas humanas também ficarão ao abandono, na mais extrema necessidade.

Mas isto ainda não é tudo. Os nazistas escravizaram dez milhões de pessoas. Homens e mulheres têm sido arrancados dos seus lares e forçados a trabalhar onde e como determinam os seus tiranos. Quando cessar o fogo das batalhas, milhões de desgraçados tudo farão para tornar aos seus lares, encontrar suas famílias. Estes também terão



Uma mãe chinesa e seus filhos afastam-se do centro das hostilidades, seguindo para o interior. Quando os japoneses abandonarem as regiões agora ocupadas por eles, deixarão milhões de criaturas humanas desitituídas de todos os recursos. Em baixo: um soldado norte-americano distribuindo alimentos na Itália



Mais uma vítima da inanição cai desfalecida numa rua de Atenas. No oeste e no sul da Europa setenta milhões de almas, pelo menos, ficarão desfregues à mais extrema miséria depois da guerra





Em sua retirada, os alemães destruiram os serviços de abastecimento de gás, de eletricidade e as instalações telefônicas de Nápoles. Algumas famílias napolitanas cozinham em fogões feitos de latas



Destruído pelos alemães, o serviço de abastecimento de água da cidade de Nápoles, a população se viu forçada a usar água dos esgotos. Os nazistas colocaram várias máquinas infernais, cuja explosão causou tremendos danos materiais e numerosas mortes. Em baixo: os aliados acumulam enormes quantidades de alimentos e de equipamento numa praia de Salerno, antes de prosseguirem na sua avançada



(Continuação)

para se manter. E a não ser que sejam socorridos prontamente, morrerão tragicamente antes de alcançar as fronteiras de suas respectivas pátrias.

Grande porção dos povos a serem libertados na Polônia, na Rússia, na Holanda e noutros países serão antigos lavradores que foram compelidos brutalmente pelos nazistas a trabalhar nas minas e nas indústrias. Quando se virem livres novamente, tentarão lavrar a terra que foi dêles. Mas as hordas germânicas os despojaram de todos os animais necessários ao trabalho agrícola. Nem tampouco encontrão a criação que, antes, contribuía para o seu sustento. Calcula-se que, somente na Europa, os nazistas roubaram ou mataram 11.000.000 de cabeças de gado, 3.000.000 de cavalos, 12.000.000 de porcos e 11.000.000 de carneiros. A produção de leite está reduzida à terça parte e a da carne à metade.

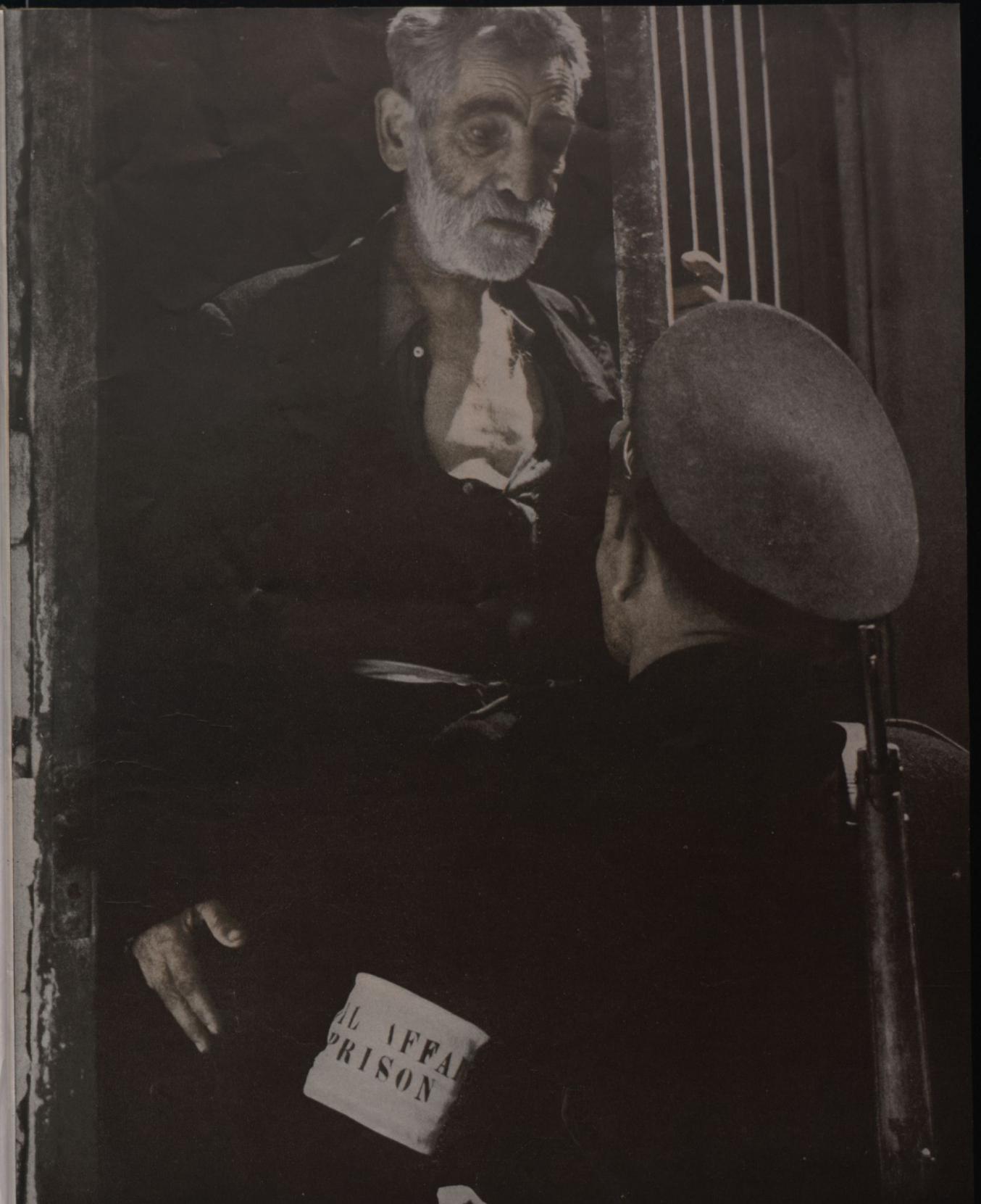
As Nações Unidas terão, portanto, grandes problemas a exigirem imediata atenção. O primeiro passo, logo após a vitória pelas armas, é o bastecimento de gêneros alimentícios para evitar os horrores da fome, de roupas e de abrigos para sustar as consequências do frio e de medicamentos para garantir contra qualquer epidemia. Estas providências deverão ser tomadas mesmo quando os exércitos ainda estiverem nas últimas escaramuças com o inimigo que bate em retirada. O segundo passo é ajudar os povos socorridos a se refazerem, pondo-os em condições de cuidar do seu próprio sustento. Sementes, animais para reprodução, animais de tração e ferramentas agrícolas serão indispensáveis para esse mistério. Matérias primas para pôr em movimento as indústrias mais essenciais, também terão que ser fornecidas. E, por fim, várias mercadorias de uso geral. Das novas safras pouco benefício advirão se os lavradores, depois de serem pagos pelo seu trabalho, não puderem empregar seu dinheiro em artigos de urgente necessidade. Durante certo período, os comerciantes irão precisar de mercadorias para suprir suas prateleiras vazias.

A situação no norte da África oferece um pequeno exemplo do que pode ser feito nesse sentido. Quando as tropas aliadas desembarcaram na costa africana, em Novembro do ano passado, verificaram que ali havia grande escassez não somente de alimentos importados, como o açúcar, o chá e o leite enlatado, mas também de gêneros que em tempos normais, são produzidos localmente. Depois da safra anual, grande parte dos produtos tinha sido exportada para a França e os agricultores, no momento, careciam de materiais e de maquinismos para o novo plantio. Não dispunham de fertilizantes, de peças sobressalentes para seus caminhões e tratores, nem do mais essencial — o combustível.

Durante os primeiros meses que se seguiram à ocupação, os Estados Unidos e a Inglaterra forneceram às populações do norte da África 80.000 toneladas de farinha de trigo, 6.000 toneladas de trigo, 2.000 toneladas de batatas, 1.800 toneladas de feijões secos e de ervilhas, 1.000 toneladas de óleos comestíveis e, em menores quantidades, queijos, ovos desidratados, arroz e vegetais. Ao mesmo tempo, enviaram sementes, maquinismos agrícolas, peças sobressalentes, óleo combustível, fertilizantes e numerosos artigos indispensáveis ao trabalho da terra, num total de 15.000 toneladas.

Quando chegou o tempo da safra, no mês de Junho seguinte, já a situação estava completamente mudada. As regiões do norte da África começavam a produzir não somente para a manutenção das suas populações civis e das tropas francêsas, como das outras forças aliadas, que passaram a receber milhares de toneladas de frutas, de legumes e de carne. E ao fim do primeiro ano, 30.000 toneladas de farinha de trigo da África já tinham sido fornecidas às populações italianas libertadas.

O trabalho no norte da África e agora na Itália é, naturalmente, apenas o começo de uma enorme tarefa. Levar alimentos, roupas, remédios e uma nova oportunidade de produzir as subsistências para os povos devastados, à medida que forem sendo libertados do jugo do Eixo, desafiará os mais ingentes esforços das Nações Unidas e suas associadas. Mas os líderes de muitas nações interessadas no programa de reabilitação consideram estas medidas de socorro não somente um dever moral do homem para com o seu próprio semelhante, mas também um grande passo prático no estabelecimento de uma segurança universal contra a privação.



Um dos italianos que se opuseram ao regime fascista é posto em liberdade pelas autoridades aliadas, na ilha de Favignana, na costa da Sicília. Numerosos presos políticos que estavam encerrados em prisões como esta, completamente desprovidas dos confortos mais rudimentares, passaram anos de sofrimento até o raiar da uma nova era para a Itália



Todo produto de pesca é atualmente essencial para o consumo dos aliados



A vila de Gloucester, no Estado de Massachusetts, é um dos mais importantes centros de pesca nos Estados Unidos. Em 1754 daí se fizeram ao largo seus primeiros barcos



Em Gloucester, quasi todas as indústrias são de petrechos usados na pesca

VILA DE PESCADORES

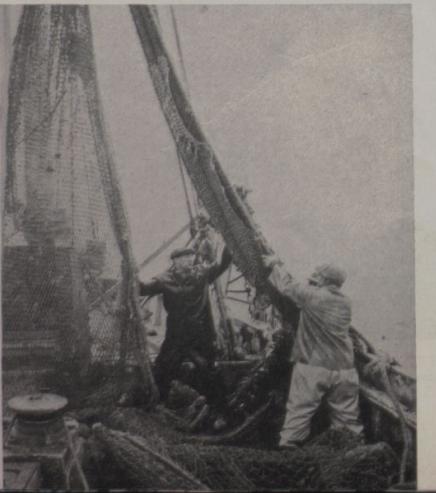
Há mais de três séculos que, para as populações ao longo da costa rochosa da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, a vida do mar tem sido uma predileção natural. Hoje, porém, os habitantes das

antigas vilas de pescadores encaram ainda com maior respeito o trabalho a que se dedicavam os seus antepassados. Uma das vilas mais características da vida desses pescadores é a de Gloucester,

no Estado de Massachusetts, onde a pesca tem sido a ocupação tradicional dos seus moradores, desde o tempo em que os europeus vieram colonizar o litoral atlântico. Gloucester é, assim, um logarrejo tipicamente marítimo, com suas docas eternamente úmidas, suas ruas estreitas e sinuosas, respirando alcatrã, sal e peixe. Há anos que pescadores portugueses, italianos e escandinavos têm vindo se incorporar na sua população de 24.000

O filho de um pescador, aos 6 anos de idade, já se familiariza com o concerto de rédes de pescar, seguindo a tradição da família

Os "trawlers" já substituíram quasi todos os pequenos barcos de pesca de linha. As grandes sarras colhem o dôbro do número de peixes em metade do tempo que antes se empregava



Na vila de Gloucester o pescado é preparado para seguir para todas as partes do mundo. As forças armadas e a população civil estão agora consumindo peixe duas vezes por semana



almas. Seu trabalho, que é sempre árduo, mesmo em tempo de paz, está agora sendo de extraordinária importância para as Nações Unidas. Com a guerra, aumentou consideravelmente o consumo do pescado nos Estados Unidos. O mercado absorve muito mais do que os centros de pesca podem produzir, vencendo todas as dificuldades e os riscos da guerra no mar. Em Gloucester, tal como acontece em tantas outras vilas de pescadores, passam

Numerosos pescadores de Gloucester estão nas forças armadas. Por isso, jovens de 17 anos e os velhos profissionais os substituem. Esta mulher tem dois filhos no Exército

de gerações a gerações certas histórias fantásticas de monstros marinhos, de gigantescas serpentes que avivam superstições e conservam velhas tradições entre essa gente simples que vive do mar e para o mar. Mas, atualmente, os relatos sobre monstros marinhos não se revestem de mera fantasia. Trata-se de verdadeiros monstros, os submarinos nazistas que infestam as águas do Atlântico. No ano passado, por exemplo, um deles atacou um barco de

pesca, tendo sido mortos, a metralhadora, o mestre e quatro tripulantes. De outra feita, vários outros pescadores, também vítimas dos corsários nazistas, foram socorridos depois de terem passado 46 horas, desabrigados dos rigores do inverno, numa balsa salva-vidas. Por isso, em alguns pontos da costa, a pesca é agora feita sob a proteção de escoltas. Esta medida veiu facilitar grandemente os trabalhos de pesca, principalmente durante o inverno.

Os meninos, em Gloucester, se identificam com a vida do mar. Seus pais são denominados pescadores que enfrentam os riscos da guerra



(Continuação)

Os submarinos alemães são, entretanto, uma parte apenas dos obstáculos que os pescadores têm a enfrentar. A crescente necessidade de dotar a Marinha dos Estados Unidos com o maior número possível de unidades auxiliares de todo calado, para usá-las na própria campanha anti-submarina, tem causado a requisição de tantos barcos de pesca que a frota dos pescadores está reduzida quasi à metade. Ao mesmo tempo, novos barcos e novos motores, bem assim as rês de pescar, são muito escassas atualmente. As rês feitas à mão, que vinham, em grande número, da Inglaterra, não mais se encontram no mercado. As outras, feitas à máquina, o governo precisa de todas para a camuflagem das forças armadas. Demais, até a tripulação dos barcos é difícil, porque o Exército e a Marinha têm incorporado nos seus efetivos muitos pescadores.

Por esta razão, os barcos de pesca de Gloucester estão se fazendo ao largo tripulados por jovens pescadores, rapazinhos de 17 anos, e por homens já avelhantados na profissão. Seus barcos agora desfralam os sinais do código convencionado para o dia, pela Marinha, afim de facilitar a sua identificação. Além disto, todos os tripulantes são registrados e deixam arquivadas suas imprensações digitais no posto local da Guarda da Costa.

Se o barco é de grandes dimensões, um moderno *trawler*, para a pesca de linha e anzol, com possentes motores, dirige-se ao alto mar, para os grandes bancos situados em certas áreas onde a pesca é proveitosa, mas o mar é dos mais perigosos. Há sempre repentinhas cerrações, *icebergs* e correntes traiçoeiras nesses pontos afastados.

Ao largo da costa da Nova Inglaterra há 36 variedades de peixes de grande aceitação no mercado. O famoso bacalhau, entretanto, é encontrado mais longe, a 600 ou 800 milhas da costa. Nesta área a pesca é dificultada pela presença dos submarinos alemães e pelas restrições impostas pela Marinha.

De Boston e de Gloucester só restam dez escunas equipadas para a pesca segundo o velho costume de fazer ao largo e dai mandar vários pescadores, em pequenos botes, estender as linhas com milhares de anzóis. Há constante procura de veteranos para esse trabalho, pois exige grande prática do mar para encontrar a escuna, quando um súbito nevoeiro surpreende os pescadores a meio da longa operação. Com o uso de rês, o rendimento é maior, chegado a 25 toneladas de pescado em duas semanas.

Os barcos voltam atropetados de peixe, coberto de gelo pilado. Em muitos barcos há um homem que se encarrega exclusivamente de retirar o fígado do pescado, para a extração das vitaminas.

Diante deite está se fazendo a pesca na longa costa do Atlântico, com a máxima precaução contra o ataque dos submarinos. À noite, o trabalho é feito completamente às escuras e somente em casos extremos é permitido o uso dos sinais convencionados de comunicação e de socorro, por meio de código, rádio ou telefone.

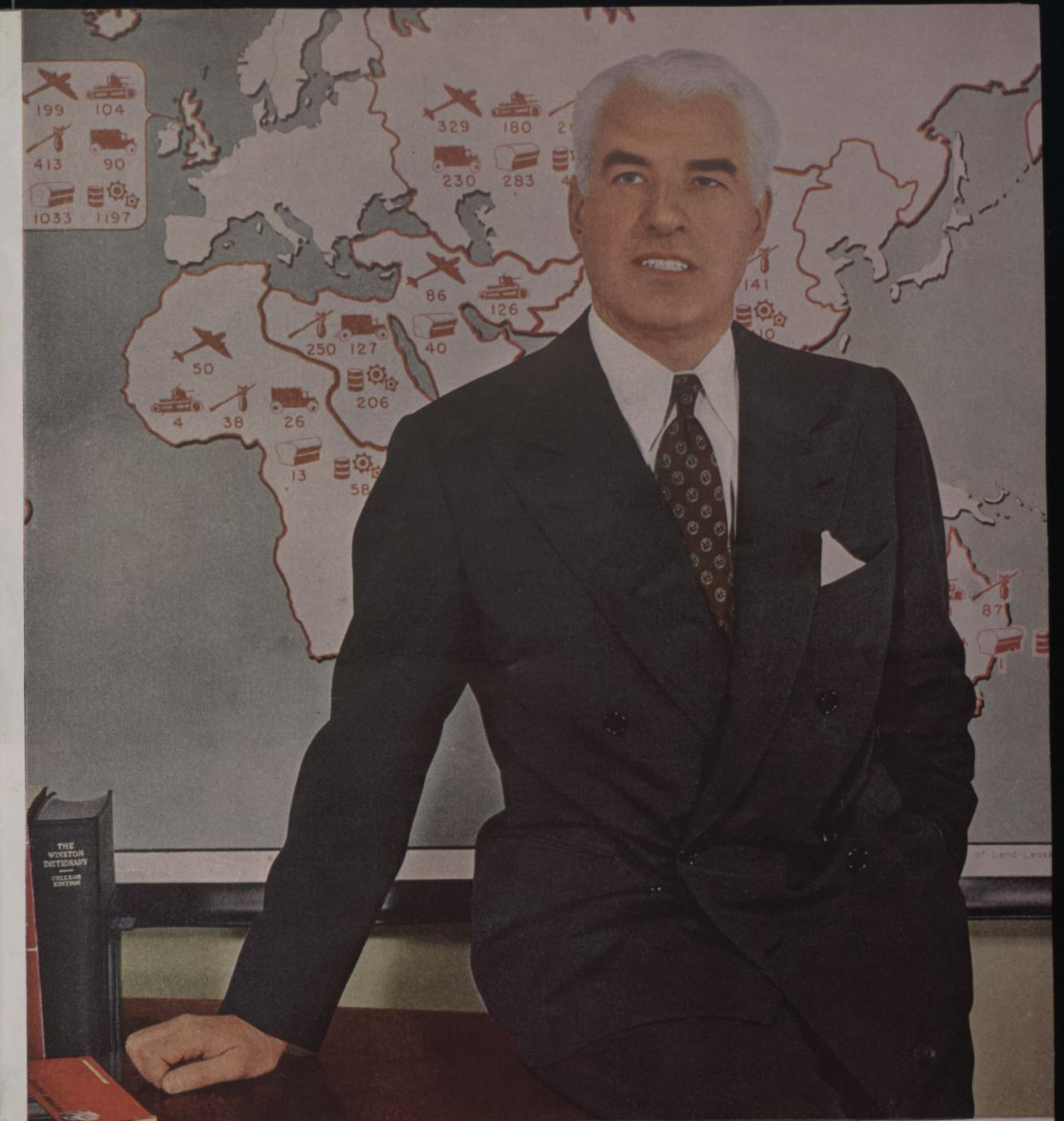
Logo que os barcos aportam e atracam na doca, o produto da pesca é imediatamente vendido. No grande mercado de peixe de Boston, o maior dos Estados Unidos, o movimento é constante e para ali se destina, geralmente, a maioria dos barcos de pesca no alto mar.

O pescado faz parte atualmente de duas refeições por semana, entre as forças armadas norte-americanas, sendo servido fresco ou enlatado. O racionamento da carne de vaca, de carneiro e de porco tem causado também um maior consumo de peixe entre a população civil. As outras Nações Unidas e os países libertados estão, por sua vez, absorvendo uma grande parte dos produtos da pesca nos Estados Unidos. Nas vilas de pescadores é bastante acentuada a tradição religiosa. Em Gloucester, todos os anos, na antiga igreja de Nossa Senhora da Bóia Viagem, erigida pelos portugueses, realizam-se cerimônias em memória dos pescadores que se fizeram ao mar e nunca mais voltaram.

Além de ser a peixe um elemento dos mais proeminentes na alimentação pública nos Estados Unidos, e, por isso, de constante procura, as fábricas de conservas estão em trabalho constante para atender às reservas destinadas ao abastecimento dos povos em vias da sua ansiada libertação.



A igreja de Nossa Senhora da Bóia Viagem, mandada erigir pelos pescadores portugueses de Gloucester. Em baixo: todos os anos, em Agosto, a vila rende homenagem aos pescadores perdidos no mar. O povo passa pelo monumento dedicado ao pescador de Gloucester, dirigindo-se para uma ponte, de onde atira flores que segundo a tradição, a maré se encarrega de levar para o alto mar, para o túmulo dos antigos companheiros



EDWARD R. STETTINIUS JR., recentemente nomeado Sub-secretário de Estado, é uma personalidade de grande projeção nos círculos internacionais, pois desde Janeiro de 1941 tem estado a cargo da execução do programa de Empréstimos e Arrendamentos dos Estados Unidos. Sua ação tem sido de constante atividade junto às Nações Unidas, providenciando não somente para que recebam mercadorias e material bélico dos Estados Unidos, bem como forneçam abastecimentos, por sua vez, às forças armadas norte-americanas em operações de guerra no estrangeiro.

O novo Sub-secretário de Estado, que conta 45 anos de idade, já tem exercido várias outras fun-

STETTINIUS SUB-SECRETÁRIO DE ESTADO

ções de caráter administrativo no governo e nas importantes indústrias automobilísticas e siderúrgicas. Logo após assumir o seu cargo no Departamento de Estado, o Sr. Stettinius declarou:

“Sempre reconheci que a sólida amizade com as outras Repúblicas Americanas era uma das pedras angulares da nossa política exterior. A política da

Bôa Vizinhança nos proporcionou a base sobre a qual todas as nações da América puderam cooperar para o bem geral. A colaboração que, neste sentido, tem se verificado para garantir a defesa do Hemisfério é um dos exemplos mais notáveis de cooperação internacional de todos os tempos. Através da continuação dessa valiosa política de cooperação, as Repúblicas Americanas poderão fazer enormes contribuições para a solução dos problemas do período de apóis guerra.”

Senhor de proveitosa experiência em assuntos internacionais de grande relevância atual, o novo Sub-secretário de Estado assume as suas árduas funções cercado de justo e excepcional prestígio.



O Secretário de Estado Cordell Hull (ao centro), ao regressar da bem sucedida conferência de Moscou, é saudado no aeroporto de Washington pelo Presidente Franklin D. Roosevelt e pela Senhora Hull



O Secretário de Estado Hull acompanhado do Comissário dos Estrangeiros Vyacheslaff M. Molotov, da Russia, passa em revista a guarda honra que lhe prestou as continências no aeródromo de Moscou

Enquanto se realizavam os trabalhos da conferência, os exércitos russos prosseguiam na sua avançada para além do rio Dnieper, em direção às fronteiras do país.

O CAMINHO PARA A PAZ

Às raias do dia 19 de Outubro, achavam-se em Moscou o Secretário de Estado dos Estados Unidos Cordell Hull e o Ministro dos Estrangeiros da Grã Bretanha Anthony Eden. Ambos, acompanhados de assistentes militares e de auxiliares técnicos, iam iniciar as conferências cujo propósito era encontrar os meios mais expeditos para a derrota da Alemanha de Hitler e estabelecer e manter uma paz mundial de bases firmes e duradouras.

Os povos das nações ora empenhadas em tremenda guerra, assim como das nações invadidas e dominadas pelos exércitos do Eixo e daquelas que vivem precariamente sob a constante ameaça de agressão, aguardavam com ansiedade os resultados das negociações a serem realizadas entre os altos representantes dos Estados Unidos e da Grã Bretanha e o Comissário dos Negócios Estrangeiros V. M. Molotov, da Russia, e seus auxiliares.

O histórico encontro destes importantes personagens efetuava-se depois de haver estado imersa em profunda desilusão uma geração inteira. As nações que tinham lutado na primeira guerra mundial, para pôr termo à insanidade bélica germânica, falharam completamente. Mas da desilusão resultante surgiu a firme determinação de encontrar, nesta segunda conflagração, os meios garantidores de uma paz proveitosa e duradoura. Só havia uma solução: a cooperação entre as nações ansiosas pela paz, para, primeiro, destruir a máquina militar alemã tão rapidamente quanto possível e, depois, para manter a paz que se seguir à guerra.

Mas isso seria impraticável sem a participação da Russia — cujo território constitui uma sexta parte da superfície terrestre, e cujos exércitos de mais de cinco milhões de homens estão lutando contra os alemães na mais longa e contínua frente de batalha jamais registada em qualquer guerra. Poderia a Russia ser atraída a uma ligação firme e decisiva com os Estados Unidos, a Grã Bretanha e outras nações, com o fim de proporcionar aos seus próprios combatentes a justa recompensa da paz duradoura pela qual elas estão se ba-

tendo? Este era o real problema da histórica conferência. Que a Russia poderia cooperar para alcançar o primeiro objetivo — a derrota da Alemanha — não perdurava mais dúvida. Os russos já tinham dizimado ou capturado milhões de nazistas e já tinham destruído inúmeras forças mecanizadas alemãs que, de outra maneira, estariam sendo usadas contra os aliados na frente ocidental. E ao tempo da conferência de Moscou, os exércitos soviéticos estavam avançando para além do rio Dnieper, depois de terem recuperado dois terços do território russo invadido pelos alemães.

Os principais problemas militares a serem discutidos se referiam às medidas a serem tomadas pelos Estados Unidos e pela Grã Bretanha, de cooperação com a Russia, para apressar a queda de Hitler. Tais problemas foram solvidos e a conferência passou à decisão dos detalhes, cuja natureza não podia ser divulgada. O que pôde ser anunculado ao público foi que as três potências aliadas tinham concordado lutar junta até a rendição incondicional do regime nazista.

Permanecia ainda a questão relativa aos compromissos necessários para a organização da paz. Os respectivos governos tinham assinado a Declaração das Nações Unidas, de 1 de Janeiro de 1942, mas, desde então outros detalhes haviam surgido. O Presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro Churchill tinham se avistado três vezes, desde aquela declaração, e os seus respectivos pontos de vista eram conhecidos. Quando se reuniram em Casablanca, mostraram desejo de trocar idéias com os membros do governo russo. Por isso, foi sugerido se realizasse uma conferência em Moscou, onde os Srs. Cordell Hull e Anthony Eden, como representantes de seus respectivos países, procurariam chegar a um acordo com o governo russo, para uma ação conjunta depois da guerra. Doze reuniões foram realizadas, entre 19 a 30 de Outubro. Por parte dos Estados Unidos estavam presentes, além do Secretário Hull, o embaixador norte-americano na Russia, W. Averell Harriman, o major-general John R. Deane, assistente militar e um grupo de técnicos especialistas. Com



O Ministro dos Estrangeiros da Inglaterra Anthony Eden (à esquerda) foi recebido no aeroporto pelo Comissário dos Estrangeiros Molotov e pelo ex-embaixador da Russia nos Estados Unidos, Litvinov



A assinatura do pacto internacional de Moscou. Da esquerda para a direita: Fu Ping-sheung, embaixador da China, Secretário de Estado Cordell Hull, Comissário Molotov e Chanceler Eden, da Grã-Bretanha



A CONFERÊNCIA DE MOSCOU

DECLARAÇÃO CONJUNTA DAS QUATRO NAÇÕES

Os Governos dos Estados Unidos da América, Reino Unido, União Soviética, e China:

unidos no propósito, de acordo com a Declaração feita a 1º de janeiro de 1942 pelas Nações Unidas, e com declarações subsequentes, de continuar as hostilidades contra as potências do Eixo com as quais cada uma delas se acha respectivamente em guerra, até que essas potências deponham as armas, rendendo-se incondicionalmente;

compenetrados da responsabilidade de assegurar sua própria libertação e a dos povos aliados, fazendo desaparecer ameaças de agressões; reconhecendo a necessidade de organizar convenientemente o período que mediaria entre a guerra e a paz, de modo que a transição se faça rápida e ordenadamente, e de estabelecer e manter a paz e segurança internacional com o emprego mínimo dos recursos humanos e econômicos para armamentos; declaram em conjunto:

1. Que a unidade da sua ação, empenhada para a prossecução da guerra contra os seus respectivos inimigos, continuará para a organização e manutenção da paz e segurança.

2. Que os dentre eles que estiverem em guerra com um inimigo comum agirão concertadamente em todas as questões referentes à rendição e desarmamento desse inimigo.

3. Que adotarão todas as medidas por eles consideradas necessárias para prevenir qualquer infração das condições impostas ao inimigo.

4. Que reconhecem a necessidade de se estabelecer com a maior brevidade possível uma organização internacional geral, baseada no princípio da igualdade de soberania de todos os países amantes da paz, e facultada a todos esses países, grandes e pequenos, para a manutenção da paz e segurança internacional.

5. Que para o fim de manter a paz e segurança internacional, enquanto não se restabeleça o direito e a ordem e não se inaugure um sistema de segurança geral, eles se consultarão mutuamente e, segundo as exigências do momento, também consultarão outros membros das Nações Unidas, tendo em vista ação em conjunto a bem da comunidade das nações.

6. Que depois da terminação das hostilidades não empregarão suas forças militares nos territórios de outros países exceto para os fins previstos na presente declaração e depois de consulta em conjunto.

7. Que se consultarão entre si e com outros membros das Nações Unidas, cooperando para a consecução de um acordo geral viável no tocante à regulamentação dos armamentos no período post-bélico.

DECLARAÇÃO REFERENTE À ITÁLIA

Os Secretários das Relações Exteriores dos Estados Unidos, do Reino Unido e da União Soviética chegaram à conclusão de que seus respectivos Governos estão de perfeito acordo que a política aliada com respeito à Itália deverá ser baseada no princípio fundamental de que o fascismo e toda a sua organização e influência maléfica serão completamente destruídos, dando-se ao povo italiano a mais ampla oportunidade para fundar instituições, quer governamentais quer de outra natureza, calcadas em princípios democráticos.

Os Secretários das Relações Exteriores dos Estados Unidos e do Reino Unido afirmam que a ação de seus respectivos Governos desde o início da invasão do território italiano, até onde o têm permitido as exigências militares predominantes, tem obedecido a essa orientação.

Os Secretários das Relações Exteriores dos três Governos concordam que, para a realização dessa política no futuro, deverão ser tomadas as seguintes e importantes medidas:

1. É essencial que o Governo Italiano se torne mais democrático, incorporando representantes dos grupos italianos que se têm sempre oposto ao fascismo.

2. A liberdade da palavra, de culto, de convicções políticas, da imprensa, e de congregar-se, serão restauradas em toda sua plenitude na Itália, a cujo povo se concederá igualmente o direito de formar grupos políticos antifascistas.

3. Serão suprimidas todas as instituições e organizações criadas pelo regime fascista.

4. Todos os elementos fascistas ou pro-fascistas serão afastados da administração e de instituições e organizações de caráter público.

5. Todos os prisioneiros políticos do regime fascista serão postos em liberdade e plenamente anistiados.

6. Criar-se-ão órgãos democráticos de governo local.

7. Os chefes fascistas e generais do exército que se saibam ou suspeitem ser criminosos de guerra serão presos e entregues à justiça.

Ao fazer esta declaração, reconhecem os três Secretários das Relações Exteriores o fato de que, enquanto prosseguirem as operações militares na Itália, a época para a plena realização dos princípios acima mencionados será determinada pelo Comandante-em-Chefe, o qual por sua vez se baseará nas instruções recebidas por intermédio dos Chefes do Estado Maior Combinado.

Os três Governos que subscrevem esta declaração se prontificam, a pedido de qualquer um dentre eles, a se consultarem mutuamente sobre a matéria em questão. Ademais, fica entendido que parte alguma da presente Resolução poderá coartar o direito que tem o povo italiano de finalmente optar pela forma de governo que lhe aprovare.

DECLARAÇÃO REFERENTE À ÁUSTRIA

Os Governos do Reino Unido, da União Soviética e dos Estados Unidos da América acordam em que a Áustria, a primeira nação livre a ser vítima das agressões de Hitler, será liberta do domínio alemão.

Consideram nula e inválida a anexação que, a 15 de março de 1938, a Alemanha impôs à Áustria. Não se consideram de maneira alguma obrigados a respeitar quaisquer mudanças operadas na Áustria a partir dessa data. Declaram desejável ver a Áustria restabelecida como país livre e independente, abrindo assim o caminho para que o próprio povo austríaco, assim como o dos países vizinhos que enfrentarão os mesmos problemas, possam alcançar segurança política e econômica, única base sobre a qual se pode estabelecer paz duradoura.

Lembra-se à Áustria, contudo, que ela não se poderá eximir da responsabilidade de haver combatido na guerra ao lado da Alemanha, mas que no ajuste final tomar-se-á em devida consideração a contribuição que fizer em prol de sua própria libertação.

DECLARAÇÃO REFERENTE ÀS ATROCIDADES

O Reino Unido, os Estados Unidos e a União Soviética têm recebido de muitas fontes provas de atrocidades, massacres e execuções em massa perpetradas a sangue frio pelas forças de Hitler em muitos dos países invadidos, dos quais estão agora sendo expulsos. Já de longa data são conhecidas as brutalidades do domínio nazista, tendo todos os povos e territórios a ele subjugados sofrido, em virtude da pior forma possível de governo pelo terror. Acresce agora a circunstância de estarem muitos desses territórios a serem remidos pelos exércitos libertadores, e estarem pari passu subindo de ponto as bárbaras crueldades praticadas pelos hitleristas e hunos, ao passo que, desesperados, vão recuando. Monstruosos crimes cometidos no território soviético ora liberado dos hitleristas, e em território francês e italiano, comprovam singularmente essa assertão.

Por conseguinte, as três Potências Aliadas acima discriminadas, falando em nome dos interesses das trinta e três Nações Unidas, pelo presente solemnemente declaram, e advertem de sua intenção, com os seguintes dizeres: No momento em que se conceder armistício a qualquer governo que porventura se forme na Alemanha, os oficiais e soldados alemães e membros do partido nazista que se tenham tornado partes responsáveis ou anuentes nas referidas atrocidades, massacres ou execuções, serão enviados aos países onde perpetraram seus crimes abomináveis, para serem julgados e punidos de acordo com as leis desses países libertados e dos governos livres que aí se terão fundado. Em todos esses países se fará minuciosamente a relação dos nomes de tais pessoas, especialmente em se tratando das regiões invadidas da União Soviética, da Polônia e Tchecoslováquia, da Iugoslávia e Grécia, inclusive a ilha de Creta e outras ilhas, da Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, França e Itália.

Assim, os alemães que participaram do massacre em massa de oficiais polacos, ou da execução de reféns franceses, holandeses, belgas ou noruegueses, ou da de camponeses cretenses; ou que tenham tomado parte na mortandade infligida aos habitantes da Polônia ou dos territórios da União Soviética que ora se libertam do jugo inimigo, saberão que serão devolvidos à cena do seu crime e ali mesmo julgados pelos povos que ultrajaram. Que se prevenham, pois, aqueles, cujas mãos ainda não estão tintas de sangue inocente, para que não entrem para o rol dos culpados, porque as três Potências Aliadas se comprometem a perseguí-los inexoravelmente até os mais remotos confins da terra, entregando-os aos seus acusadores para que se faça justiça.

A declaração acima não visa o caso dos criminosos alemães, cuja responsabilidade não se restringe a certas áreas geográficas, e que serão punidos em harmonia com a decisão conjunta dos governos dos Aliados.



O Senador Tom Connally, presidente da comissão de Diplomacia e Tratados do Senado americano e líder do movimento em favor de uma resolução reiterando os princípios expressos na conferência realizada na capital russa



Os senadores Harold H. Burton, de Ohio, Carl A. Hatch, do Novo México, Joseph H. Ball, de Minnesota e Lister Hill, de Alabama, foram os líderes da resolução pela qual o Senado aprovou a idéia de cooperação internacional para depois da guerra. Em baixo: o deputado J. W. Fulbright (ao centro), ao ser cumprimentado pelos seus colegas S. Bloom e C. A. Eaton, depois da aprovação da sua resolução sobre a cooperação internacional



(Continuação da página 11)

o Sr. Anthony Eden estava o embaixador britânico na Rússia, sir Archibald Clark Kerr, o tenente-general sir Hastings Ismay e os demais assistentes técnicos. Pela Rússia, estavam presentes o Comissário Molotov, o marechal K. E. Voroshilov, A. Y. Vyshinski e seus respectivos auxiliares.

Em Outubro foi, pois, tratada uma das questões mais importantes desta guerra. Havia certa corrente de opinião pública que julgava impossível um acordo em vários detalhes vitais, por causa da diferença de forma de governo e também devido a antigas rivalidades. Mas quando o acordo foi anunciado, nela se continha tudo quanto os mais otimistas tinham esperado. A divulgação foi feita no dia 1 de Novembro, afirmando "ter sido aproveitada a oportunidade da presença dos técnicos militares que representavam os chefes de estado-maior do exército dos seus respectivos países, para tratar, definitivamente, das operações militares, tendo sido tomadas decisões que servirão de base para a mais íntima cooperação militar entre as três nações."

Acrescentava ainda que, "de importância imediata à da pronta terminação da guerra pelas armas estava o reconhecimento, pelos três governos, de ser conveniente, a bem do seu próprio interesse nacional e do interesse de todas as nações amantes da paz, continuar a presente íntima colaboração e cooperação na prossecução da guerra até o período que se seguir à cessação das hostilidades, e que unicamente desta maneira poderia ser mantida a paz e o bem estar político, econômico e social de seus povos."

Em declaração separada, da qual participou a China, por intermédio do seu embaixador em Moscou, a nação asiática, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Rússia se comprometeram a agir de comum acordo em todos os assuntos relativos à capitulação e ao desarmamento das nações contra as quais se acham atualmente em guerra e reconheceram a necessidade de estabelecer, na data mais breve possível, uma organização geral internacional, baseada no princípio da igualdade de soberania de todas as nações pacíficas, com a participação de todas, grandes ou pequenas, para a manutenção da segurança e da paz internacional.

Os Estados Unidos, a Grã Bretanha e a Rússia concordaram ainda em estabelecer um órgão de consulta, em Londres, durante a guerra, para estudar as questões referentes à ação conjunta dos três governos. Ficou também resolvido a criação de um conselho consultivo para tratar de assuntos relativos à Itália, conselho em que terão seus respectivos representantes a Comissão Francês de Libertação Nacional, e os governos da Grécia e da Iugoslávia, em face dos seus interesses especiais decorrentes dos atos de agressão, pela Itália fascista, dos seus territórios.

As três potências aliadas afirmaram também seu mútuo desejo pelo estabelecimento da democracia na Itália e declararam ser o propósito dos seus respectivos governos a restauração da independência da Áustria — a primeira nação livre a ser vítima da agressão nazista. Ficou assim reafirmado o princípio de independência das pequenas nações.

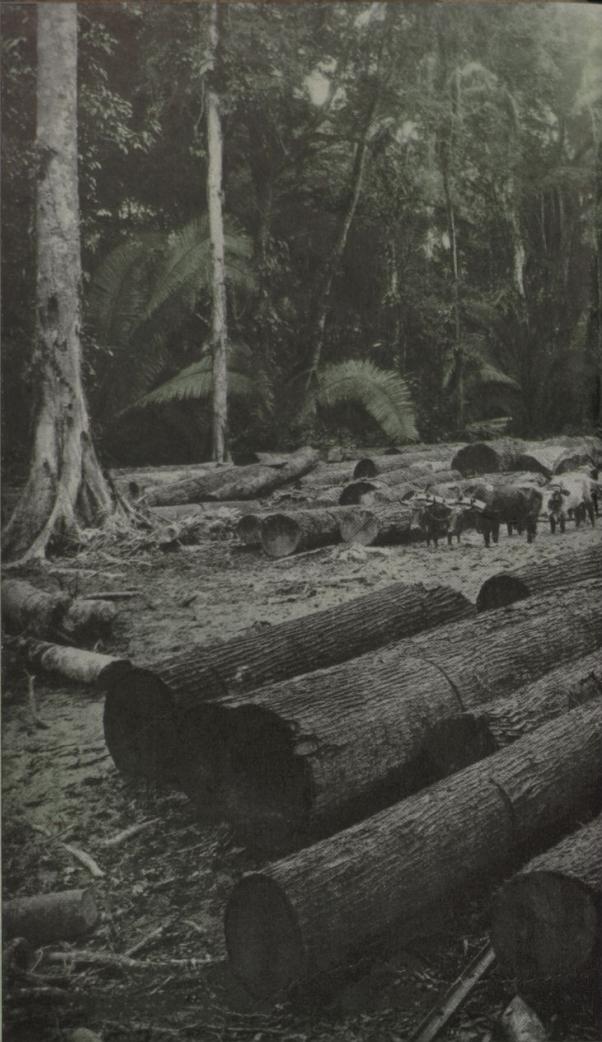
Declarações separadas foram publicadas relativamente aos casos da Itália e da Áustria. Em outra declaração à parte, assinada pelos Presidente Roosevelt, pelo Primeiro Ministro Churchill e pelo Primeiro Ministro Stalin, as três potências afirmaram que as autoridades nazistas bem como os civis e militares responsáveis pelos atos de atrocidade, pelos massacres e pelas execuções em massa seriam punidos pelos seus crimes nos países onde foram os mesmos cometidos.

Nos círculos das Nações Unidas, a conferência de Moscou veio consolidar o interesse para a união de vidas que orienta o esforço da vitória. Este é o fato de vidas consequências o nazismo já está sentindo e se vê impossível de evitar.

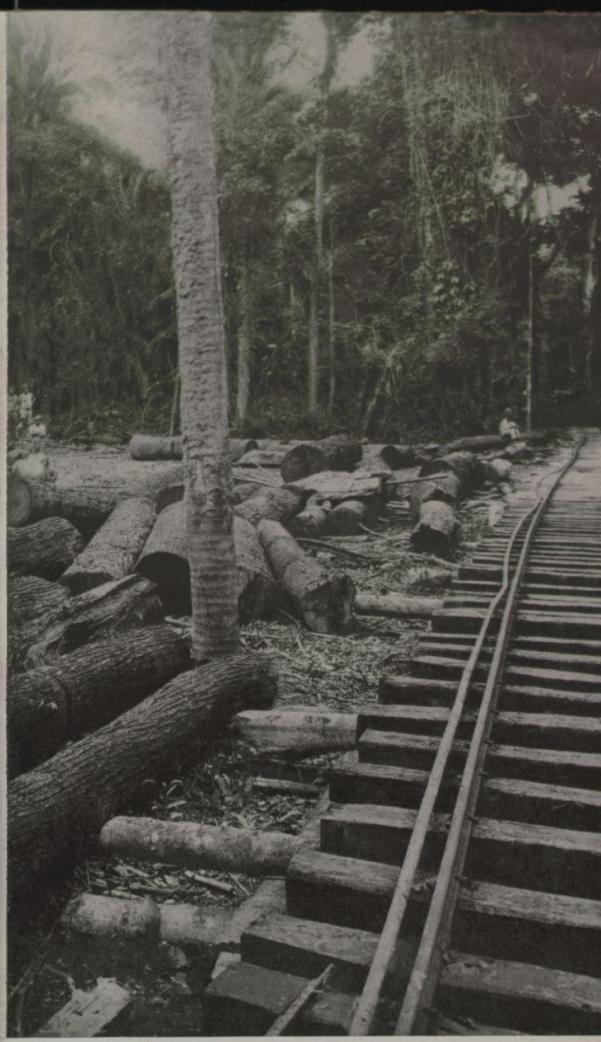
Da declaração de que participou a China consta um acordo relativo à sua cooperação com as outras nações signatárias, com o fim de chegar a um acordo geral sobre a regulamentação de armamentos, depois da guerra.



O Presidente T. C. Andino e seu neto, na sua Villa Elena, perto de Tegucigalpa



O mogno de Honduras é uma das melhores madeiras para mobiliário. Há também pinho e cedro de superior qualidade. Em La Ceiba estão situadas as grandes serrarias



Arvores da "Hevea", de quinze anos, na estação experimental em Lancetilla



HONDURAS

A BANDEIRA HONDURENSE ENTRE OS EMBLEMAS ALIADOS

À cair da tarde do dia 10 de Novembro de 1942, o navio cargueiro *Contessa* seguiu pelo rio Sebú acima, procedente de Port Lyautey, no Marrocos Francês. Em seus porões havia grande quantidade de gasolina e de munição destinadas à forças motorizadas dos Estados Unidos que, a doze quilômetros, no interior, estavam sendo retidas na sua avançada pelo fôlego das tropas francêses sob as ordens do governo de Vichy. A despeito do cerrado tiroteio, o *Contessa* chegou ao ponto onde estavam as forças americanas e descarregou o seu vital abastecimento de guerra. Graças ao heroísmo da tripulação do cargueiro, foi feito o ataque contra o forte francês que, afinal, caiu em poder dos norte-americanos. Quando cessou o combate, o comandante das forças dos Estados Unidos pediu a bandeira do *Contessa* para que fosse içada no mastro do forte. A bandeira, um dos primeiros pavilhões nacionais dos aliados a serem desfraldados na África do norte, era a bandeira branca e azul da República de Honduras. Os tripulantes do cargueiro eram todos hondurenses.

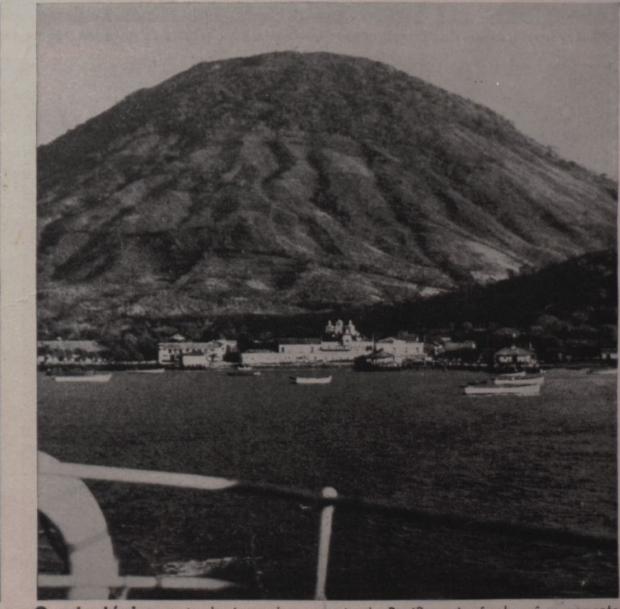
Hoje, a bandeira que foi desfralda na África para encerrar um glorioso episódio está novamente em Tegucigalpa, como um símbolo da valiosa parte que o país está tendo no esforço da vitória das Nações Unidas. Mas outras bandeiras hondurensas continuam desfraladas em navios que enfrentam os riscos das rotas do Atlântico, na sua tarefa de transportar abastecimentos de guerra para as frentes aliadas. Mais de mil marinheiros hondurenses tripulam esses navios. Até agora, 150 desapareceram no mar, em consequência do tor-



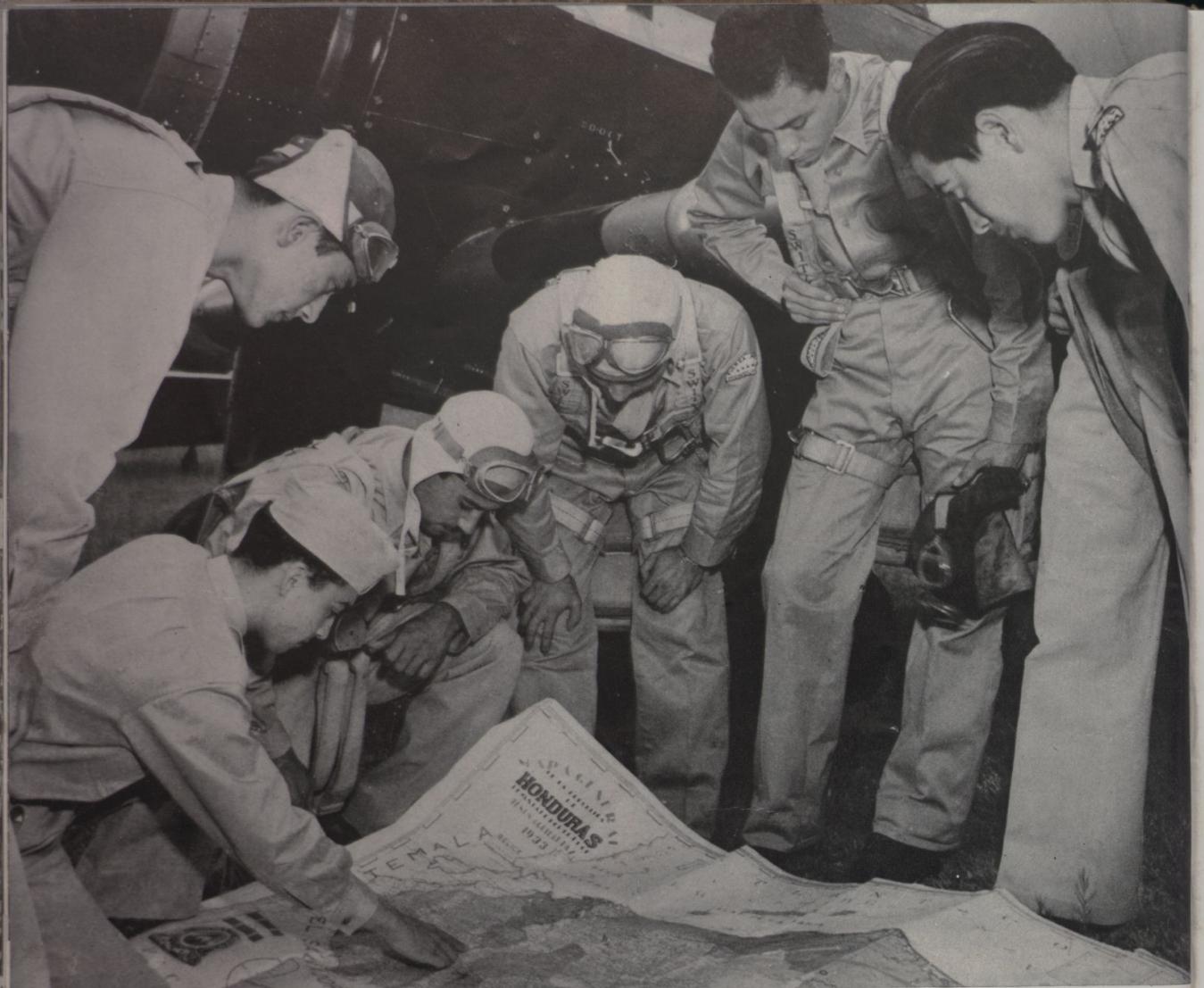
A catedral de Comayagua, ex-capital da república, é uma das mais belas igrejas da América, datando de tempos coloniais. A cidade fica na margem do rio Humuya



A irrigação dos bananais em La Lima. Canos colocados verticalmente irrigam centenas de metros quadrados de terra em tempo reduzido, abreviando o amadurecimento



O estratégico porto de Amapala, na costa do Pacífico. Ao fundo, vê-se o monte Tigre. Honduras foi uma das primeiras nações americanas a entrar na presente guerra



Pilotos hondurenses, das forças aéreas nacionais, preparamo-se para um voo no serviço de patrulha contra os submarinos, na importante área do Mar das Antilhas



Com a guerra, grandes culturas de hervas medicinais estão sendo ativadas em Honduras. Dentre os seus produtos estratégicos destacam-se a fibra de abacá e a mamona



Ruínas de um templo dos Maias, em Copán, perto da fronteira ocidental da república. Estas ruínas datam de 500 anos antes da era cristã e de mil anos antes de Colombo

(Continuação)

pedimento de navios que navegavam sob o pavilhão de Honduras, destacando-se dentre eles o *Comayagua*, o *Tela*, o *Castilla*, o *Baja California* e o *San Blas*.

Desde o rompimento das hostilidades que Honduras tem colabrado no esforço de guerra das Nações Unidas. À testa do governo, o Presidente Tiburcio Carias Andino deu à sua pátria um decisivo impulso de grande proveito para a causa da solidariedade continental. No dia 8 de Dezembro de 1941 a república declarou guerra ao Japão e quatro dias depois declarou guerra à Alemanha e à Itália. Foram imediatamente tomadas energéticas providências para a detenção de estrangeiros inimigos, e o país ficou aparelhado para enfrentar uma economia de emergência. O consumo de gasolina ficou sob estrito regime de conservação e o governo se empenhou ativamente em cooperar nos trabalhos de construção da rodovia Panamericana, de grande valor estratégico local. Desenvolveu-se a extração da borracha silvestre, tendo sido instalado em Lancetilla um posto experimental da cultura racial da *hevea*, que já está beneficiando várias Repúblicas Americanas. De suas florestas, o mogno está tendo parte importante na construção de velozes lanchas torpedeiras. E a sua aviação está participando na constante vigília nas águas do Mar das Antilhas contra a ameaça dos submarinos inimigos.

A economia da nação centro-americana sofreu bastante com a crise dos transportes, causada pela guerra. Grandes quantidades do seu produto principal, a banana, ficaram impossibilitadas de alcançar seus mercados normais, por falta de navios, quando toda a tonelagem disponível de cargueiros era destinada ao transporte de material bélico para as forças aliadas num dos períodos mais críticos da guerra.

Sobreveiu, por isso, uma crise causada pelo desembreço nas grandes plantações. O governo, porém, agiu prontamente, dando incremento à cultura da fibra abacá, de grande necessidade na fabricação de cordoaria para as Nações Unidas. Outros projetos, sobretudo rodoviários, foram postos em execução, destacando-se a ligação entre Tegucigalpa e Potrerillos, sendo esta a primeira estrada construída em redor do lago Yojoa. No vale de Comayagua, de grande futuro econômico, também foram iniciados os seus trabalhos de irrigação afim de transformar o vale em pequenas plantações, sob o programa de diversificação agrária.

Honduras é um país, por excelência, de agricultura e pecuária. Mas em suas montanhas há grandes variedades de madeiras de lei, cuja exploração está sendo considerável. Seu solo foi onde Colombo primeiro pisou no continente americano. Nos tempos coloniais, as riquezas minerais do país eram a principal atração, e o próprio nome indígena da sua capital — Tegucigalpa (Montes de Prata), bem atesta este fato. A grandeza do seu passado tem assegurado para Honduras um grande futuro.



A sala de espera no movimentado aeroporto de Tegucigalpa, a histórica cidade fundada no século dezesseis, na base do monte Picacho



A escola de Belas Artes, na capital da república, onde o ensino das artes plásticas está bastante desenvolvido. Em baixo: estátua de Francisco Morazán, um dos heróis hondurenses, na Plaza Morazán





O Presidente do Haiti (à esquerda) com o deputado Sol Bloom, presidente da Comissão de Diplomacia e Tratados da Câmara, no Capitólio, em Washington. Em baixo: o Presidente Lescot sendo saudado pelo presidente da Sociedade Panamericana, Frederick E. Hasler, durante o banquete que a sociedade lhe ofereceu. Presentes estão os jornalistas haitianos (da esquerda para a direita) R. Camille, Ulrich Duvivier e Louis Mercier.



O PRES. LESCOT VISITA OS E.U.

EM sua recente visita aos Estados Unidos, o Presidente do Haiti, Elie Lescot, foi acolhido como um velho amigo e aliado. Depois de passar alguns dias no Canadá, chegou a Washington, onde já havia desempenhado as funções de representante diplomático de sua pátria.

Ao dar-lhe as boas-vindas, o Presidente Roosevelt assim expressou o seu afeto pelo Haiti: "Creio que foi uma das rainhas da Inglaterra que disse que, depois de sua morte, Calais ficaria gravada no seu coração. Quando eu morrer, o nome de Haiti ficará gravado no meu coração, porque tenho sentido um constante interesse por essa república e pelo seu desenvolvimento, alheio a qualquer exploração por outra nação." O Presidente Roosevelt externou também a sua admiração pela maneira como está o Haiti contribuindo para a vitória das Nações Unidas, ao mesmo tempo que desenvolve, basicamente, uma economia enquadada nos próprios recursos da nação.

O programa de festejos em honra ao Presidente Lescot começou com um banquete na Casa Branca. No dia seguinte, quando teve ocasião de visitar o Senado dos Estados Unidos, o presidente haitiano, falando à Comissão de Diplomacia e Tratados dessa casa do Congresso, rendeu homenagem aos ideais do povo norte-americano e enalteceu o fato de serem os objetivos das Nações Unidas os mesmos que animam o povo do Haiti. "Vós, dos Estados Unidos, declarou ainda o Sr. Lescot, sois um dos maiores campeões da liberdade, dessa mesma liberdade que está sendo agora preservada pelo sangue de vossos filhos, pelas lágrimas de vossas viúvas e de vossos órfãos, em cuja defesa encontrareis a mim e o meu povo sempre ao vosso lado."

O Presidente Lescot aludiu também à necessidade de mobilizar todos os recursos industriais e agrícolas na presente guerra. Mencionou que o Haiti já tem organizado um núcleo de 150.000 homens que, armados de ferramentas agrícolas, estão dando crescente impulso ao plantio e à extração de produtos essenciais ao esforço de guerra das Nações Unidas. Recordando a cooperação do Haiti na guerra da independência dos Estados Unidos, durante o sítio de Savannah, antes da vitória de Yorktown, o presidente afirmou que "o povo haitiano nunca poderia ficar indiferente à sorte dos Estados Unidos da América, por isso que o pacto de amizade existente entre as duas nações foi selado com o sangue dos antepassados de ambas nacionalidades, nos mesmos campos de batalha."

Durante sua estadia em Washington, o Secretário de Estado, Cordell Hull, ofereceu-lhe um banquete e a União Panamericana lhe ofereceu um almôço. A Universidade de Howard também o distinguiu com um almôço, no dia em que visitou essa instituição de ensino superior. Perante um grupo de 500 soldados estudantes, professores e outros convidados, o presidente haitiano fez um apelo aos povos das Nações Unidas para dar combate sem trégua à intolerável doutrina nazista da superioridade de raça.

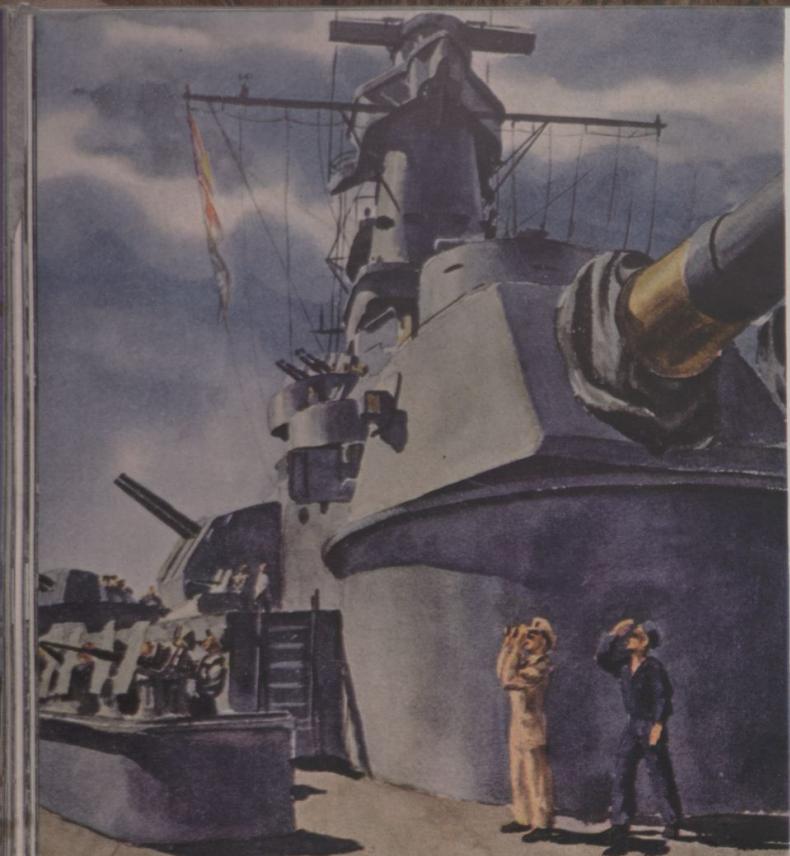
Em Nova York, o Sr. Lescot foi festejado pelo Prefeito Fiorello La Guardia, que enalteceu a contribuição do Haiti no programa de vitória el declarou que, nos Estados Unidos, as demais nações não são julgadas nem pela sua população nem pelo seu tamanho, mas unicamente pelo seu espírito que, no caso do Haiti, era dos mais elevados. À imprensa, o Presidente Lescot reafirmou o propósito de sua pátria de lutar, como sempre, pela liberdade, pelo direito e pela justiça, propósito que, agora, mais do que em qualquer outra época da história, significa uma disposição decisiva de traçar para a humanidade o único caminho a seguir à altura das conquistas da civilização, que, nas terras da América têm encontrado um campo digno dêsses nome.



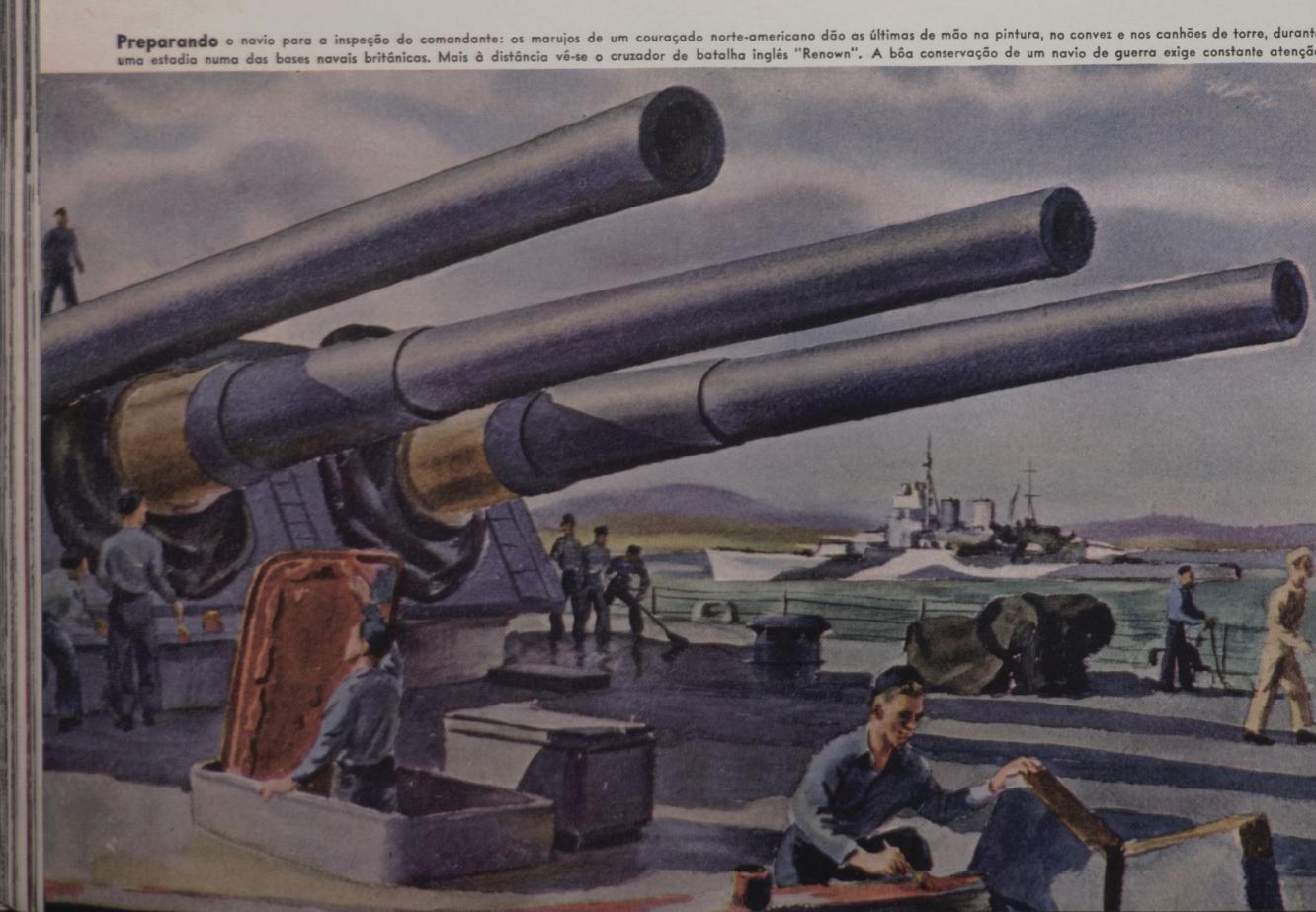
O Presidente Roosevelt dá as boas-vindas ao Presidente Lescot, no Salão Oval da Casa Branca. O novo Sub-secretário de Estado, E. Stettinius, está à direita



No átrio da Catedral Metropolitana de São Patrício, em Nova York, o Presidente Elie Lescot mantém-se em ligeira palestra com o Arcebispo D. Francis J. Spellman, pouco antes de se realizarem os serviços religiosos. O presidente haitiano estivera antes em visita ao arcebispo, na sua residência. O povo da república insular é tradicionalmente católico



A bordo de um couraçado dos Estados Unidos, ao largo das ilhas Shetland: artilheiros anti-aéreos, a postos em suas baterias, acompanham o movimento de um avião de identidade desconhecida



Preparando o navio para a inspeção do comandante: os marujos de um couraçado norte-americano dão as últimas de mão na pintura, no convez e nos canhões de torre, durante uma estadia numa das bases navais britânicas. Mais à distância vê-se o cruzador de batalha inglês "Renown". A bôa conservação de um navio de guerra exige constante atenção

ARTE NAVAL

HÁ na Marinha dos Estados Unidos vários pintores especialmente designados para fazer um registo pictórico da guerra no mar. Em combate, servem como oficiais subalternos, e já têm estado sob o fogo das batalhas no sul do Pacífico, em Guadalcanal, nas ilhas Aleutas, no Atlântico norte e no Mediterrâneo.

O primeiro artista naval a tomar parte numa batalha foi o tenente Dwight Shepler, que pintou estas aquarelas — unidades da esquadra dos Estados Unidos e da Inglaterra no Atlântico norte. Primeiro, ele serviu num destroier, depois num cruzador e num couraçado. Enquanto estava num cruzador, teve ocasião de tomar parte em importantes combates contra os japonenses. Durante a batalha de Santa Cruz, uma bomba inimiga explodiu sob o local em que ele se achava, causando grandes danos materiais. O artista, entretanto, saiu incólume.

Shepler é um dos famosos aquarelistas de Boston, onde tem sido professor numa das escolas de belas-artses dessa cidade. Tem contribuído com numerosos artigos sobre pintura para um dos jornais locais, distinguindo-se também pelos seus trabalhos de arte, notadamente retratos. Seus trabalhos têm sido exibidos no Instituto de Arte de Chicago, na Academia de Belas Artes de Pensilvânia e no Museu de Belas Artes de Boston. Seu grande interesse pela pintura de marinhas fez-lo tomar parte na tripulação de um navio veleiro, como assistente de navegador. Partindo de Wood's Hole, em Massachusetts, fez um longo cruzeiro pela costa do Equador, das ilhas Galápagos, e San Pedro, Balbôa e Guantanomo.

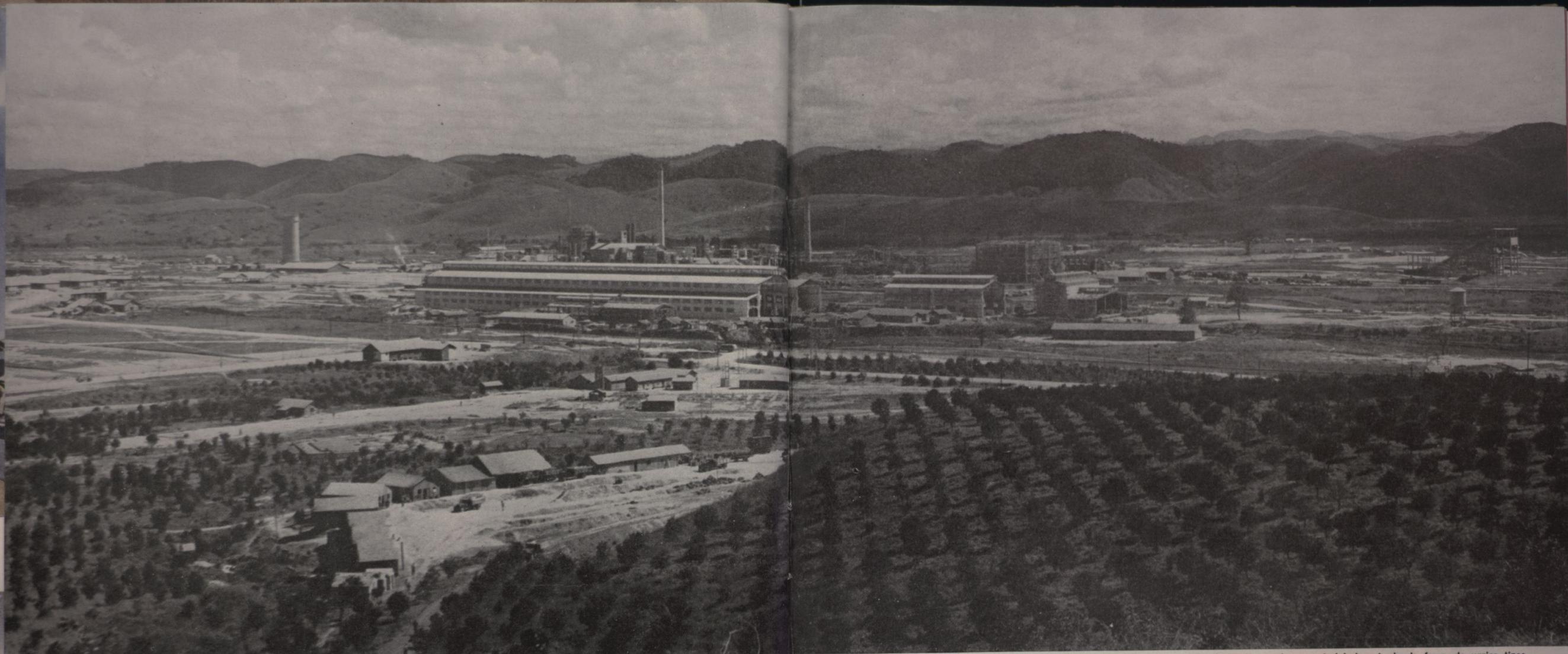
Nos anos vindouros, os milhares de fotografias colhidas pelos fotógrafos da Marinha e os trabalhos de Shepler, bem como de outros pintores que estão servindo nos navios da esquadra, fornecerão uma interessante história gráfica da guerra no mar. Muitas fotografias e pinturas refletem admiravelmente os trágicos e decisivos momentos das batalhas. Outras constituem simples cenários, não menos importantes da vida no mar durante a presente guerra.



Numa base naval na Escócia: três submarinos dos Estados Unidos se reabastecem de combustível ao lado de seu tender — o "Beaver". Durante quasi um ano estes submarinos deram constante combate às unidades navais-alemãs em ação nas águas europeias. Seus respectivos comandantes são veteranos da guerra no Pacífico, para onde regressaram ultimamente



Na base naval das ilhas Orkney: unidades da esquadra dos Estados Unidos e da Grã Bretanha preparam-se para levantar ferros e realizar mais um ataque contra as posições germânicas na costa da Noruega. Um vigia americano, de bordo de um couraçado, observa os navios ingleses "Illustrious", "Belfast", "Renown" e um navio escolta porta-aviões



A usina de Volta Redonda está quase completa. Situada a 145 quilometros do Rio de Janeiro, começará brevemente a produção de lingotes e de produtos de aço, numa média de mais de 350.000 toneladas por ano. O aço será empregado na construção de pontes, navios e material de estrada de ferro, de vários tipos

VOLTA REDONDA

O ADVENTO DA GRANDE INDÚSTRIA SIDERÚRGICA NO BRASIL

No amplo vale do Paraíba, entre o Rio e São Paulo, a pequena povoação de Volta Redonda, à margem da Estrada de Ferro Central do Brasil, é o marco de uma nova era de progresso no Brasil. Nesse logradouro, a 145 quilômetros da capital da República, milhares de operários ativam a conclusão da gigantesca usina de aço que dará ao problema da siderurgia nacional a solução de grande futuro almejada por todos os brasileiros. E' aí que a usina da Companhia Siderúrgica Nacional transformará o carvão e o minério de ferro brasileiros em aço necessário ao vultuoso programa de desenvolvimento dos vastos recursos do país.

Datam de mais de vinte anos os primeiros planos para a utilização industrial do minério de ferro brasileiro, cujos depósitos, são considerados os mais ricos do mundo. Pouco, entretanto, se fez de definitivo, sob um plano verdadeiramente nacional, até o Presidente Vargas haver encarado o importante problema com a disposição de dar-lhe a solução mais adequada e mais pronta possível.

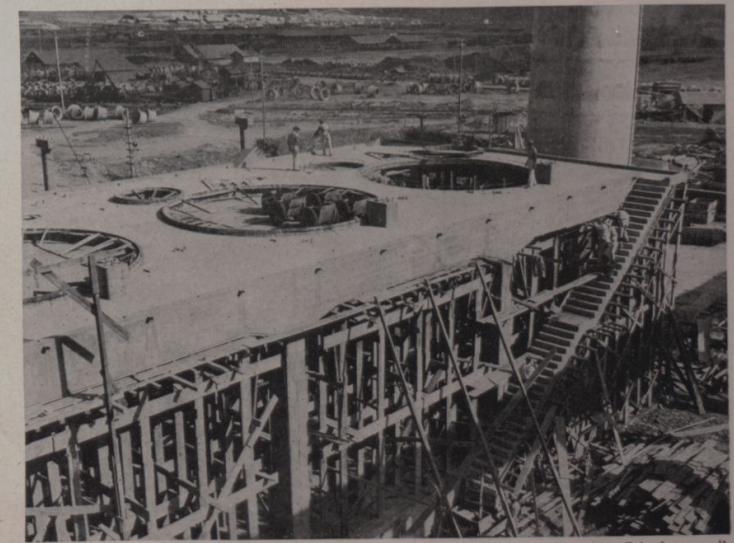
Foi assim que, sob seus auspícios, o grande projeto siderúrgico de Volta Redonda, o de maior vulto industrial levado a efeito no Brasil, entrou em execução e está agora em vias de conclusão, para dar início à produção previsível para suprir imediatamente as necessidades nacionais. Como resultado



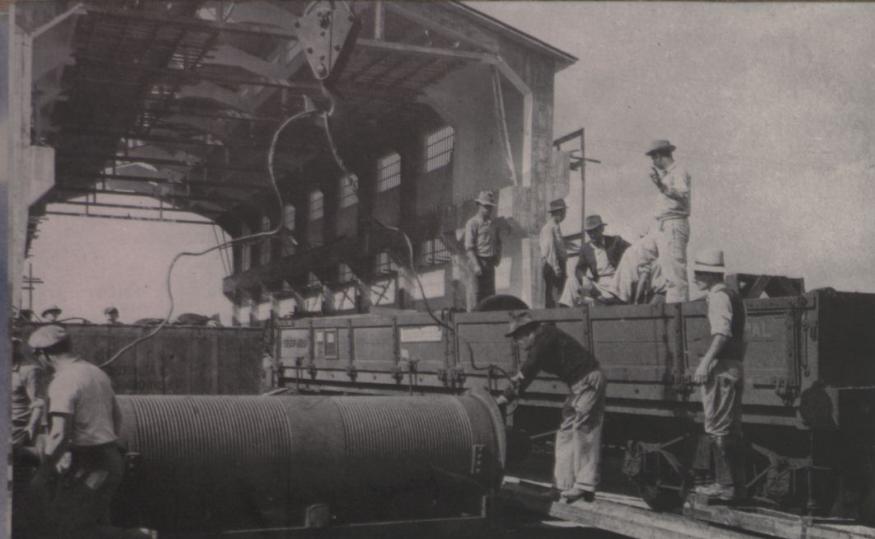
O aço será produzido com material quase exclusivamente brasileiro. O carvão virá de Sta. Catarina e o minério, de Minas. Em cima: operários completam um dos edifícios



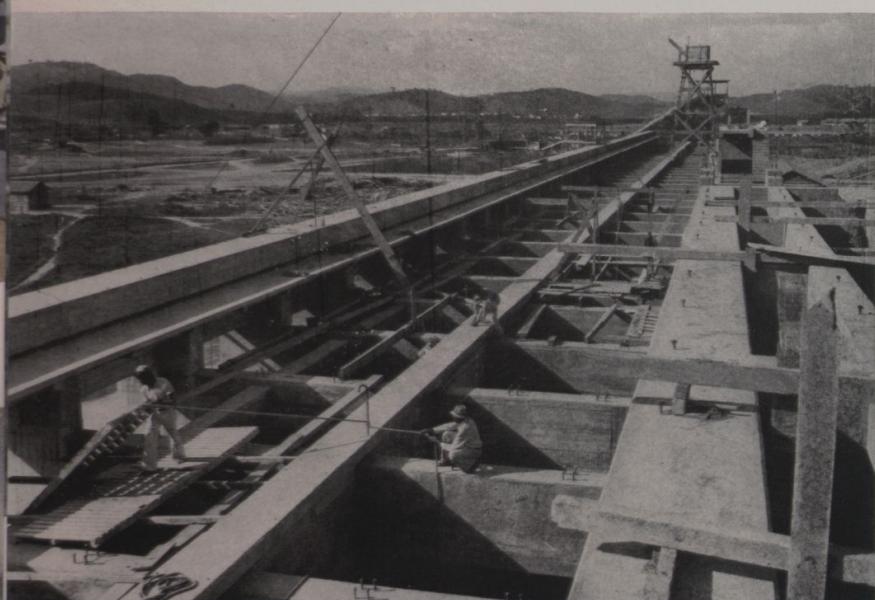
O rio Paraíba fornecerá a água para a usina. Em cima: durante os trabalhos de instalação do serviço de água para Volta Redonda



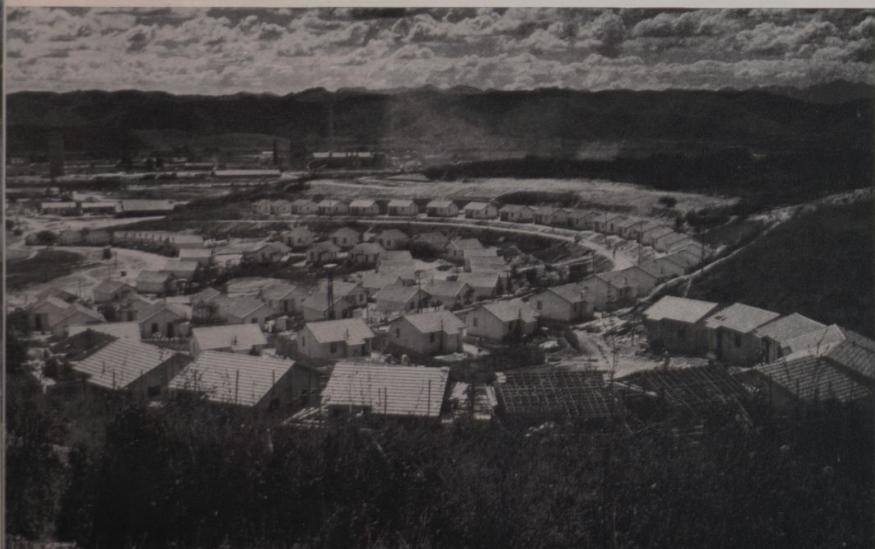
A capacidade inicial será de mil toneladas por dia, aumentando depois para 1.200. Três fornos adicionais serão construídos, e a usina poderá atingir uma capacidade de produção de um milhão de toneladas



Maquinismos procedentes do Rio de Janeiro, sendo descarregados na usina. Os Estados Unidos estão fornecendo assistência técnica e abriram um crédito para a aquisição do material necessário para a construção da usina



O alto forno é dos mais modernos, especialmente desenhado para evitar interrupções. Em baixo: Santa Cecília, perto da usina, é o local de residência dos operários. Dispõe de 1.600 casas de moradia, construídas de tijolo e concreto, de um cinema, de moderno hospital, hotéis, igrejas e escolas. Nessa localidade se instalarão 5.000 operários que formarão o primeiro núcleo de especialistas no trabalho metalúrgico em grande escala ora iniciado no Brasil



(Continuação)

dessa grandiosa iniciativa, novas indústrias surgirão, ampliando e abrindo novos horizontes de produção e de consumo, aumentando a renda pública e particular e, consequentemente, elevando o padrão geral da vida no país.

O grande centro metalúrgico de Volta Redonda está sendo construído pela Companhia Siderúrgica Nacional, financiada em parte pelo governo. Parte do capital, em ações lançadas à subscrição pública foi coberta rapidamente.

A fim de cooperar com o Brasil na defesa do Hemisfério Ocidental e, ao mesmo tempo, auxiliar o país seu aliado na guerra contra o Eixo, os Estados Unidos estão contribuindo com assistência técnica e, por intermédio do Banco de Exportação e Importação de Washington, com um crédito no valor de 45 milhões de dólares, para a aquisição de maquinismos e equipamento. Esse crédito será amortizado em dez anos.

Volta Redonda está localizada num ponto central entre os depósitos de minério de ferro e as minas de carvão, e os centros consumidores de aço, Rio e São Paulo. Das minas de Teresa Cristina, em Santa Catarina, o carvão é transportado num percurso de 70 quilômetros de estrada de ferro de bitola estreita, para o porto de Laguna. Ali é então posto em navios cargueiros que o transportam para o Rio, de onde segue, por via férrea, para a usina. O minério de ferro, o manganês e o calcáreo são extraídos perto de Belo Horizonte e transportados por via férrea para Volta Redonda. Uma estrada de ferro de bitola estreita faz a ligação entre a usina e o porto de Angra dos Reis, na costa do Estado do Rio. Este porto é também usado para alguns dos embarques do carvão procedente de Laguna.

Grandes melhoramentos já estão sendo realizados nas vias de transportes brasileiras para atender ao tráfego de ida e volta para usina. Novos vagões, novas estações e sistemas de sinais foram construídos. A Estrada de Ferro Central do Brasil está sendo eletrificada no trecho entre o Rio e Laguna, e está se procedendo ao alargamento de vários túneis. Docas e armazéns no Rio de Janeiro e em Laguna estão sendo aumentados e numerosos navios cargueiros acham-se em vias de acabamento nos estaleiros nacionais.

A usina foi projetada para produzir a quantidade e o tipo de material que o Brasil mais necessita — ferro gusa, estruturas metálicas, barras e vergalhões, inclusive *billets*, perfis médios e pesados, folhas de Flandres, trilhos e acessórios e vigas. O coque será produzido numa bateria de 55 fornos em conjunção com a fábrica de sub-produtos, dentre os quais se destacam: sulfato de amônio, alcatrão, benzol, toluol, xylol e nafta. Quando fôr necessário, outros 55 fornos adicionais entrarão em operação. A usina começará a funcionar com um alto forno. Mais tarde, outros entrarão em funcionamento, de acordo com as exigências do consumo. Um total de 368.000 toneladas de lingotes será transformado em 267.000 toneladas de peças e de material para o consumo, anualmente. A capacidade da usina é de 750.000 toneladas de lingotes e de 550.000 toneladas de produtos, mas essa capacidade não será atingida no começo da produção, que deverá começar brevemente.

A usina foi projetada de maneira a satisfazer a uma produção de material rapidamente, podendo expandir a sua capacidade produtiva para outras variedades que forem aconselhadas pela prática.

O Presidente Vargas, durante uma visita que fez às obras de construção da usina, declarou que "Volta Redonda será um marco da civilização brasileira, um exemplo tão convincente que afastará todas as dúvidas e apreensões acerca do seu futuro, instituindo no Brasil um novo padrão de vida e um novo futuro, digno das suas possibilidades."



Todos os edifícios são construídos de cimento armado, para economizar o aço, necessário às necessidades da guerra. Em cima: examinando a planta dos fornos



Aspecto de um dos desembarques feitos pelas tropas norte-americanas nas ilhas da vasta região tropical do Pacífico, para reduzir a área de dominação japonesa. Este desembarque foi realizado perto de Laé, ponto estratégico situado na ilha de Nova Guiné, para capturar a importante base inimiga. Em baixo: efeitos da tremenda destruição causada pelos aviões das forças dos Estados Unidos durante os assaltos preliminares



AVANÇADAS NO PACÍFICO

ENTRINCHEIRADOS nas ilhas tropicais de que se apossaram no Pacífico, no comêgo da guerra, os japonêses têm adotado uma tática de defesa que dificulta enormemente a avançada do adversário. Cavam fundas trincheiras onde estabelecem suas posições de metralhadoras, cobertas com pesadas toras de madeira, colocadas de tal maneira que somente um tiro certeiro de artilharia ou uma bomba aérea poderão destruir. A defesa desses pontos fortificados é feita principalmente por atiradores colocados nas árvores circunvizinhas.

A folhagem da mata tropical assegura considerável proteção aos atacantes, mas o fato de se movimentar, enquanto que os defensores permanecem estacionários, na tocaia, é uma grande desvantagem, porque são os primeiros a serem alvejados. Os japonêses esperam até que os assaltantes estejam a uma distância de dez a trinta metros, para então romper o fogo que procede de todos os lados. Tais "minhos" de metralhadoras estão em toda parte. Mesmo quando os atacantes conseguem destruir duas ou três séries desses redutos, por meio do fogo de artilharia, durante o dia, o inimigo constrói outros durante a noite. E na mata tropical é impossível levar a efeito um ataque noturno. E' este um fato tão geralmente aceito que os soldados aliados já sabem que "qualquer coisa que se move à noite deve ser um japonês." Por isso, não perdem tempo quando notam algum movimento em plena escuridão: atiram, na certeza de que deve ser algum soldado japonês que procura se infiltrar nas linhas dos aliados.

Quando as tropas aliadas desembarcaram, no comêgo de Julho último, em Nassau, na Nova Guiné, a enorme ilha que se estende ao longo do extremo setentrional da Austrália, esperava-se que elas atacariam imediatamente em direção ao noroeste, segundo a costa, afim de capturar as bases dos japonêses em Salamáua, situada a 19 quilômetros apenas de Nassau, e em Laé, a 37 quilômetros mais ao norte de Salamáua.

O comando aliado, entretanto, resolveu que, uma tal avançada, considerando o tipo de defesa de que os japonêses dispunham, seria muito lenta e custosa. Por conseguinte, durante dois meses não houve ataque algum. Os aliados preferiram se preparar para uma ação envolvente que se desenvolveria mais tarde em três direções, em conjunção com assaltos, por mar e pelo ar, contra as linhas de abastecimentos e as próprias defesas do inimigo.

Em fins de Agosto, souberam os aliados que já estava se tornando desesperadora a situação dos 20.000 homens que os japonêses dispunham na área de Laé e Salamáua. Entre elês estava grassando a malária, o tifo e a desintoxia, além do beri-beri, devido ao mau regime alimentar da tropa. As rações japonêses consistiam principalmente de arroz e esta alimentação é insuficiente, na zona tórrida, mesmo para os orientais que estão mais acostumados. Os soldados aliados não ficaram imunes a essas doenças, mas foram atacados em muito menor número, graças aos cuidados médicos preventivos e repressivos e ao seu excelente regime alimentar.

Os aliados aproveitaram a oportunidade e a sua aviação desfechou os primeiros golpes. Numa série de raides seus aviadores destruiram 276 aviões inimigos em Wewak a 325 quilômetros a noroeste, a base de que os japonêses se valiam para manter a proteção aérea na área de Laé e Salamáua. Esse desfecho obrigou o inimigo a mudar a sua principal base aérea para Hollandia, situada a 830 quilômetros de Laé, além do alcance dos aviões de combate dos aliados. Em 2 de Setembro, aviação aliada afundou três transportes japonêses, de 7.000 toneladas, ao largo de Laé e, no dia seguinte, fez um formidável ataque contra a ilha de Labú. Era o início de uma ação decisiva.



Nos combates nas ilhas do Pacífico a natureza do terreno põe em constante risco o ataque contra os japonêses. Estes dois soldados foram feridos por atiradores de tocaia, na ilha de Nova Georgia, no arquipélago das Salomão. Ambos se ajudam mutuamente, em direção à praia, de onde foram socorridos por uma lancha que os levou para o hospital



Incapacitados de resistir, os japonês abandonaram suas posições em Laé, que, foi imediatamente transformada pelos aliados em firme ponto de apóio para ataques de conjunção com fôrças aéreas e navais

Uma das unidades que levaram viveres e equipamento que garantiram a vitória na Nova Guiné



No dia 4, começou o assalto mixto, de fôrças australianas de terra e mar, que conseguiram desembarcar, sem oposição alguma, na costa norte do gôlfo de Huon, a este de Laé. Os aliados estavam agora enfrentando o inimigo em duas direções, do este e do sudeste. Deu-se então o ataque numa terceira direção, quando 1.800 paraquedistas aliados ocuparam o vale de Markham, a oeste de Laé. Em sua maioria, os paraquedistas eram artilheiros australianos especialmente treinados. Foram transportados em 300 aviões, saltando em menos de dois minutos.

Essas tropas dividiram-se em duas colunas, avançando de ambas margens do rio Markham, em direção a Laé. Os australianos que tinham saltado na margem norte do gôlfo de Huon, avançaram do este e uma outra fôrça, partindo de Nassau, avançou por Salamáua. O general MacArthur seguiu de avião para dirigir pessoalmente as operações de guerra. Conforme era esperado, a resistência foi pequena. Os japoneses estavam enfraquecidos e espalhados em quatro frentes de batalha.

O combate foi mais intenso no vale de Markham e rio abaixo, em Whittakers, não tendo, entretanto, os aliados sofrido muitas perdas. No dia 10 de Setembro, a coluna procedente de Nassau alcançou Salamáua. Nesta ocasião foi observada a presença do inimigo para além do rio Francisco. Na manhã seguinte as tropas australianas atravessaram o rio, a nado, e foram capturar a base de Salamáua e seu aeródromo, sem que o inimigo oferecesse grande resistência. Em seguida, as fôrças marcharam contra Laé.

O Presidente Roosevelt, ao referir-se a essas avançadas, acentuou o fato de serem as mesmas uma prova de que os japoneses já perderam a firmeza de suas posições em toda a área do sudeste do Pacífico. Além de terem sido expulsos de várias ilhas do arquipélago de Salomão e da ilha de Nova Guiné, foram atacados e ficaram paralizados no Pacífico central, por uma numerosa fôrça naval norte-americana que investiu contra a ilha de Wake, situada a 3.400 quilômetros a oeste de Hawaii.

Essa fôrça, sob o comando do contra-almirante Alfred E. Montgomery, alcançou a ilha de Wake na manhã do dia 5 de Outubro. A aviação naval, com base em porta-aviões, juntamente com as várias unidades da esquadra, lançou um tremendo ataque contra a ilha que, aliás, já tinha sido atacada várias vêzes pelos bombardeiros de longo alcance. Tais ataques serviram para impedir que os japoneses pudessem se utilizar da ilha para operações militares.

Foi na Nova Guiné, entretanto, que se concentrou a atenção do comando das fôrças aliadas no sudeste do Pacífico. No auge da sua avançada expansionista nessa área, os japoneses chegaram a guarnecer com numerosas tropas, vários pontos situados a menos de seiscentos quilômetros da costa australiana, quando estenderam a sua ofensiva contra Port Moresby, na Nova Guiné. Mais tarde, porém, foram repelidos, primeiro para Buna e Gona e depois para Salamáua e Laé. Agora foram, finalmente, expulsos destas bases, retirando-se para pontos que ficam a mais de 1.500 quilômetros de distância dos seus primitivos postos avançados, e continuam sob constante ameaça de perderem as posições que passaram a ocupar.

Na luta que se verificou em Whittakers, as fôrças japonesas sofreram uma derrota tão completa que a captura de Laé foi feita sem maior dificuldade, no dia 17 de Setembro. Numerosos soldados nipo-neses já tinham fugido em canoas e outros, que se internaram na mata, não conseguiram escapar à caça que lhes deram as tropas aliadas, exterminando-os sistematicamente. Em 22 de Setembro, isto é, menos de uma semana depois da captura de Laé, as tropas australianas ocuparam um pequeno aeródromo em Kaiaput, a 100 quilômetros ao nordeste de Laé e, pouco depois, Finschafen, a 115 quilômetros a este.

Mais ao norte, o inimigo ainda mantinha poderosas fortificações insulares, e para garantir-las estavam à sua disposição os recursos de um vasto domínio oriental. Uma longa e desesperada luta é de esperar antes de um encontro final com o Japão. Mas os aliados estão alcançando vantagens quasi que diariamente e estão determinados a não dar descanso aos japonês, cuja capacidade produtiva de material bélico está sendo consideravelmente dificultada em face das suas constantes perdas marítimas.



PRESENTE DE CAFÉ

A entrega simbólica do presente de 400.000 sacas de café oferecido às fôrças armadas dos Estados Unidos pelo governo brasileiro. Presentes estão o embaixador Jefferson Caffery, o presidente do Instituto do Café, Jayme Fernandes Guedes, o Dr. Artur de Souza Costa, Ministro da Fazenda, e o Presidente Vargas. A cerimônia realizou-se no Catete



A compra de bonus de guerra pelos colegiais dá-lhes uma oportunidade de bem empreparar suas pequenas economias e de expressar seus sentimentos patrióticos



O governador do Estado do Maine e todos em sua casa compraram bonus de guerra. Esta é uma família que caracteriza o espírito de cooperação nacional na campanha para o empréstimo da vitória



Pouco depois de saber da morte do seu filho na Sicília, esta senhora recebeu um bonus que ele tinha comprado para ela

APOIANDO O ATAQUE

QUANDO o Tesouro dos Estados Unidos anunciou o lançamento do terceiro empréstimo de guerra, os grupos formados para encaminhar a campanha da venda dos bonus tiveram dúvida quanto à possibilidade de ser possível a subscrição de quantia tão grande em espaço de tempo tão curto. O governo apelava para a subscrição de 15 bilhões de dólares em 24 dias, afim de fazer face às crescentes despesas da guerra. Eram dois bilhões mais do que o total estabelecido para o segundo empréstimo, lançado no começo do ano. Havia ainda a considerar a circunstância de que o contribuinte norte-americano estava fazendo o pagamento do imposto de renda num valor de quasi cinco bilhões de dólares.

Mas o dinheiro, como verdadeiro nervo da guerra, era preciso para manter sem solução de continuidade a produção bélica ser absorvida nas frentes de batalha na Europa e nos mares do Pacífico. Foi, portanto, encarando o premente objetivo do empréstimo que numerosas comissões encetaram os seus trabalhos na campanha nacional que ia recorrer ao crédito público.

"Apoiemos o ataque" foi o lema adotado nesse movimento de grande significação histórica, num decisivo momento da guerra, quando as notícias das vitórias alcançadas pelas forças armadas da nação também exprimem o tremendo sacrifício que isso representa para cada combatente. A consciência popular estava assim preparada para corresponder ao apelo. Mas a tarefa era enorme na sua execução material e exigia a colaboração de todos. Cada cidade teve a sua cota demarcada. O comércio e a indústria, em anúncios especiais, concitavam o público a subscrever o empréstimo, e a própria imprensa, por meio dos pequenos jornaleiros dos seus 700 jornais diários, fazia a venda de sélos de guerra, de pequenas denominações, que eram depois trocados por bonus de 25, de 50 e de 100 dólares. Quasi todas as drogarias no país passaram a oferecer a seus freguêses o trôco da importância paga pelas mercadorias em sélos de guerra de várias denominações. Os cinemas ofereciam entrada gráta aos compradores de bonus e, nas escolas, numerosos alunos se encarregavam de fazer a venda de sélos.

O elemento estrangeiro tomou ativa participação na campanha, subscrevendo também o grande empréstimo. Na Califórnia, o próprio embaixador da China estava à frente dos seus compatriotas e dos americanos de origem chinesa. Seis famosas personalidades europeias atualmente nos Estados Unidos — Albert Einstein, Elizabeth Bergner, Lotte Lehmann, Emil Ludwig, Thomas Mann e Franz Werfel — destacaram-se na campanha entre os refugiados. Em todas as camadas da população foi notável o mesmo espírito de colaboração. Os índios do Estado de Oklahoma subscreveram mais de quatro milhões de dólares, colocando-se no mesmo nível da contribuição feita pelas empresas ferroviárias e de exploração de petróleo naquele Estado da federação.

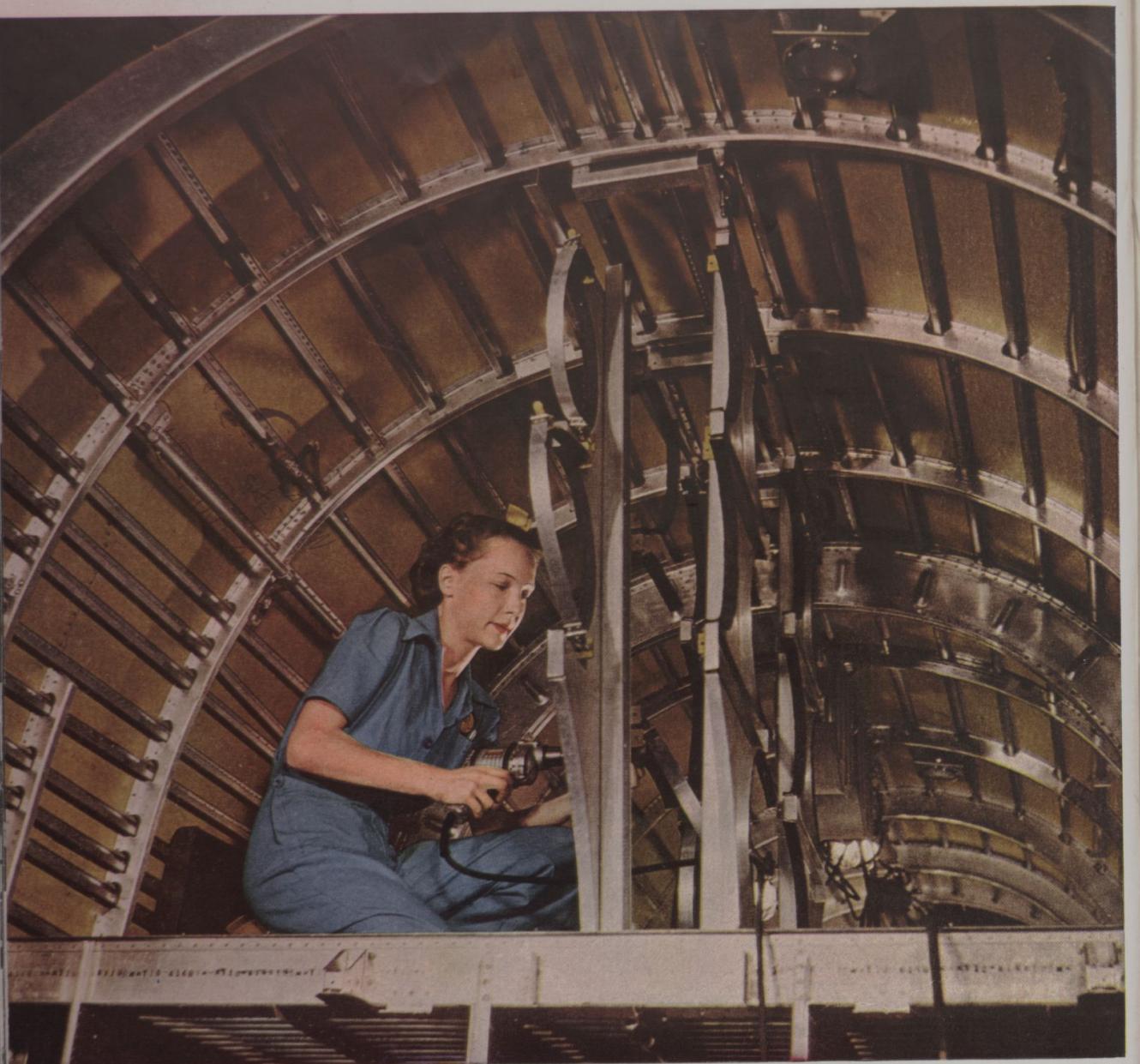
Registaram-se inúmeros casos individuais que revelam o grande interesse com que o povo em geral enfrentou esse dever patriótico, cooperando voluntariamente para o financiamento da guerra. Um guarda-freios de estrada de ferro, no Estado do Tennessee, apresentou-se num dos postos de venda de bonus, dizendo que queria comprar um título do valor de mil dólares. Dentro de oito frascos ele trazia as suas economias de muitos meses, em moedas de 25 e de 50 centavos.

Ao encerrar-se a campanha, o empréstimo teve um excesso de subscrição de quasi dois milhões de dólares. O Secretário do Tesouro Morgenthau, regozijando-se pelo sucesso alcançado, declarou: "O nosso apelo foi de proporções tão grandes que um povo menos patriota teria considerado impossível a sua realização. Os fatos, porém, vieram provar que o povo dos Estados Unidos tem plena consciência da significação desta guerra e está decidido a fazer tudo para garantir a nossa vitória."



Apesar de ferido e guardando o leito há um ano, este soldado inaugurou a campanha em favor do empréstimo de guerra, no Estado de Indiana, comprando um bonus do valor de mil dólares. Outros soldados também contribuíram para a cobertura do empréstimo e muitos combatentes já contribuem com 10% do seu soldo para os bonus. Em baixo: três marinheiros franceses, da guarnição de um cruzador que está sendo submetido a concertos no porto de Nova York, fazem a aquisição de bonus a cargo da bela Suzanne Rufenacht





A mulher na indústria aeronáutica: Cabbie Coleman, uma das milhares de simples donas de casa, que passaram a prestar seu concurso na fabricação de aviões

CONSTRUTORAS DE AVIÕES MILITARES

A PARTICIPAÇÃO da mulher americana na fabricação de aeroplanos era, há dois anos, de 4.000 operárias. Hoje há 328.000 mulheres nos trabalhos mais variados na indústria aeronáutica, sendo alguns de extrema responsabilidade, porque dizem respeito a partes vitais de um aparelho — os rebites da sua estrutura e a instalação eléctrica no painel dos instrumentos. Quasi não há, atualmente, um avião construído nos Estados Unidos que não tenha passado pelas mãos de uma mulher.

Este fato significa mais do que a simples cooperação material do elemento feminino nos trabalhos de guerra. É a perfeita compreensão de um dever patriótico no momento em que a nação mobiliza todas as suas energias para o combate nas frentes de batalha e para a produção industrial que garante a vitória dos combatentes em todas as partes do mundo.

À parte de lado os atavios naturais do sexo, a mulher não esconde a sua satisfação quando, de *overall* e carregando a sua merenda, se encaminha para a fábrica, onde trabalha horas a fio, à luz exuberante de modernas lampadas eléctricas, indiferente ao ruído ensurdecedor de máquinas e de motores. Com uma diligência fóra do comum, não mede esforços para se desempenhar os seus encargos, rebitando estruturas, soldando peças, instalando aparelhos ou enrolando importantes fios metálicos cuja extrema espessura chega a ser, às vezes, de .0015 de polegada.

VIAGEM A ROMA

OS PRELIMINARES DO ARMISTÍCIO ITALIANO

Na manhã de 8 de Setembro, quando o armistício italiano foi anunciado, os americanos fizeram questão de se avistar imediatamente com o marechal Pietro Badoglio. Ficou combinado um encontro à meia noite com o chefe italiano. A jornada para a sua residência, situada nos arredores da capital, foi uma das mais arriscadas. Se os dois oficiais fossem detidos e se se verificasse a sua identidade, o governo italiano nada poderia fazer, pois não lhe era possível admitir que estava fazendo negociações com o inimigo.

Os aliados estavam em constante comunicação com o governo italiano, através do rádio, tendo sido combinado que a lancha torpedeira inglesa iria se encontrar, em determinado ponto, com uma corveta italiana, que já estaria à espera. Quando esta foi avistada no horizonte, não foi sem um rigoroso exame, por meio de binóculos, que a lancha inglesa se aproximou. Confirmada a sua identidade, os dois oficiais americanos passaram para bordo da corveta, e dirigiram-se ao almirante italiano, que já os esperava, e com ele falaram em italiano. O general Taylor, piloto de mérito, é um oficial superior relativamente moço, pois conta 42 anos de idade. O coronel Gardiner, de 53 anos, também familiarizado com o idioma italiano, é um antigo governador do Estado do Maine.

Ficou então combinado que os dois oficiais seriam tratados como se fossem aviadores capturados, afim de evitar suspeitas. Ambos estavam fardados com os seus respectivos uniformes, mas sem boné, e tinham o seu capote de trincheira, da pano cáqui. Quando a corveta chegou a Gaeta, desembarcaram, acompanhados de uma escolta, tomando um automóvel limousine, que já o aguardava. Vários marinheiros italianos que estavam na doca viram os dois oficiais americanos, mas julgaram que eram dois aviadores que tinham sido aprisionados no mar.

Assim que a limousine se afastou das vistas dos curiosos, desviou-se da estrada principal e foi se encontrar com outro automóvel, de vidros foscos, que já o aguardava. Os dois oficiais americanos passaram para o segundo automóvel e foram conduzidos para Roma, onde chegaram duas horas mais tarde. Durante o percurso, os oficiais notaram a presença de quatro soldados alemães apenas, mas observaram numerosos cartazes, escritos em alemão, contendo setas indicadoras dos acampamentos das tropas nazistas que estavam nas proximidades. A esse tempo, os alemães já estavam em marcha, para fazer a ocupação dos aeroportos de Roma, mas a Itália, oficialmente, ainda era parte do Eixo e os seus aliados não queriam dar na vista.

Pouco antes do anochecer, os dois oficiais chegaram a Roma. O automóvel parou no pátio de um edifício, onde

deveriam eles permanecer até o dia seguinte, mas os americanos fizeram questão de se avistar imediatamente com o marechal Pietro Badoglio. Ficou então combinado um encontro à meia noite com o chefe italiano. A jornada para a sua residência, situada nos arredores da capital, foi uma das mais arriscadas. Se os dois oficiais fossem detidos e se se verificasse a sua identidade, o governo italiano nada poderia fazer, pois não lhe era possível admitir que estava fazendo negociações com o inimigo.

Os dois emissários americanos dirigiram-se depois para o local onde deviam ficar, aguardando ordens do general Eisenhower, ordens que chegaram às 3 horas da madrugada, determinando o seu imediato regresso.

Mais uma vez foram conduzidos através da cidade. Nas ruas de Roma, o trânsito era intenso: bondes, auto-ônibus e automóveis. Pela vidraça podiam observar que o carro, em vários pontos, foi forçado a seguir outro caminho, por causa dos estragos causados pelo bombardeio aéreo no leito da estrada de ferro que a rodovia atravessava. Ao se aproximarem do aeroporto de Centocelle, passaram tão perto de um grupo de soldados alemães que o general Taylor poderia ter-lhes tocado com a mão. O automóvel passou pelos hangares e dirigiu-se rapidamente para o centro do campo, onde já os aguardava um bombardeiro italiano Savoia Marchetti, trimotor, pronto para conduzi-los a África.

O avião decolou no dia seguinte, às 17 horas. O general Taylor e o coronel Gardiner tinham estado em Roma, então uma cidade oficialmente inimiga, durante vinte horas. Sua missão estava cumprida. Quando faziam o vôo para a África, um avião aliado de combate aproximou-se do bombardeiro italiano, mas o piloto de certo estava informado da missão do aeronave inimigo e afastou-se sem atacá-lo. As baterias anti-aéreas também se mantiveram silenciosas e, depois de um vôo de duas horas sobre o Mediterrâneo, o avião aterrissou, sem incidente algum num aeroporto norte-africano, ao anochecer do dia 8 de Setembro. O armistício foi anunciado pouco depois que os dois oficiais americanos tinham conferenciado com o marechal Badoglio. E na manhã seguinte, começaram os desembarques das tropas dos Estados Unidos em vários pontos da praia de Salerno. O efeito que essa jornada a Roma possa ter tido quanto à invasão da Itália, não será conhecido senão depois da guerra,

mas foi encontrado um mínimo de resistência italiana e verificaram-se muitos casos em que as unidades germânicas estavam dificultadas em suas operações, aquém porque faltava uma peça de artilharia, ali porque havia completa ausência de munição. A tarefa de aplicar todas as energias italianas para o objetivo de afastar os alemães do país foi levada a efeito com precisão e firmeza. Poucas semanas depois, assim se externou a respeito do marechal Badoglio: "A Itália inteira está agora dominada por um único pensamento: libertar o país dos alemães e colaborar efetivamente com a Inglaterra e com os Estados Unidos."



O Gen. de Brigada Maxwell Taylor e o coronel W. T. Gardiner, ex-governador do Estado do Maine, que foram a Roma conferenciar com o marechal Badoglio, antes da assinatura do armistício italiano



O coronel W. T. Gardiner, ex-governador do Estado do Maine, que foram a Roma conferenciar com o marechal Badoglio, antes da assinatura do armistício italiano



LUTANDO POR UMA CABEÇADE PONTE

Durante o desembarque das tropas dos EU.U., perto de Salerno. E' intenso o fogo da artilharia alemã, vendo-se, no primeiro plano, um soldado americano, na ocasião baixar a cabeça, instintivamente, durante uma explosão.



Os "Commandos" britânicos e os "Rangers" americanos avançam contra uma posição inimiga, protegidos por uma cortina de fumaça, na zona de Salerno. Essas tropas são especialmente treinadas para enfrentar os primeiros choques com o inimigo e abrir o caminho, silenciando as posições fortificadas. Em Salerno se concentrou o ataque dos aliados.

O ATAQUE feito pelo exército aliado contra Salerno, num vasto movimento divergente-envolvente de tropas de todas as armas, cobriu uma área de quase duas mil milhas quadradas no Mar Tirreno. O conjunto das tropas era composto do Quinto Exército dos Estados Unidos e de numerosas unidades britânicas. Seu objetivo era abrir passagem nas águas litorâneas, que estavam profusamente minadas pelo inimigo, e efetuar um desembarque a sudeste de Salerno, nas praias defendidas pelas forças blindadas alemãs.

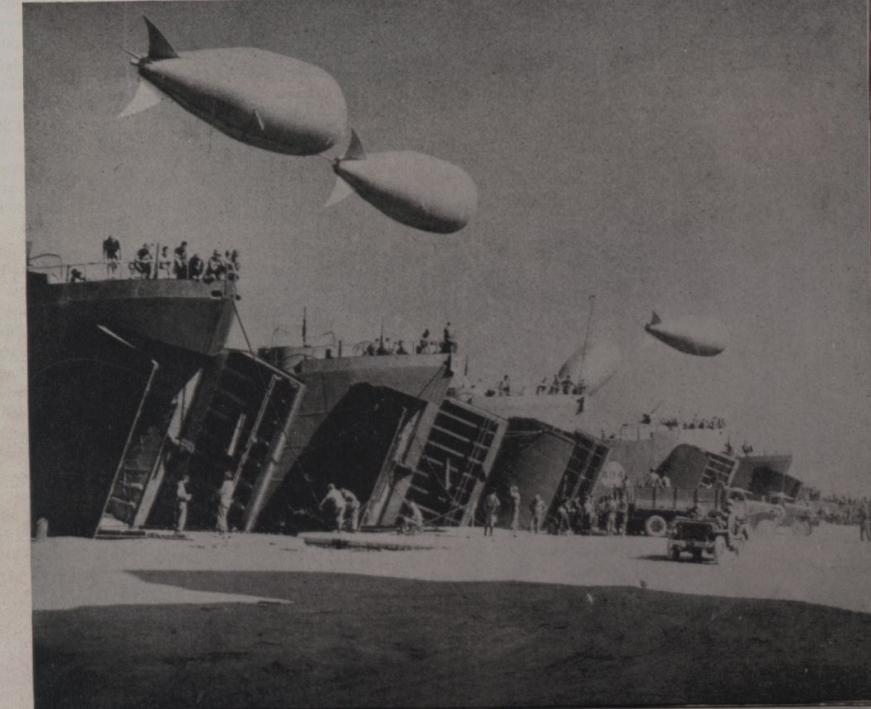
Havia pouca esperança de que os nazistas fossem tomados de surpresa. Eles sabiam que o limitado raio de ação dos aviões de combate dos aliados, com suas bases na Sicília, tornava impraticável uma efetiva cobertura aérea para um ataque mais ao norte. Quanto à parte sul, a natureza acidentada da costa não se prestava para o desembarque. Por isso, as tropas aliadas, procedentes da Sicília, não podiam se ocultar completamente da observação da aviação nazista, quando se aproximasse da costa italiana.

Não obstante, não era provável que os alemães oferecessem resistência imediatamente. A sua tática predileta, na defesa contra tropas atacantes vindas do mar, é deixar que as mesmas se aproximem até ficar a meio caminho, isto é, parte em terra, parte no mar. Aí, então, lançam o contra-ataque, esperando desbaratar os atacantes, nessa crítica situação. Mas os aliados também tinham a sua



Os soldados F. Hamburger e E. Reynolds orientando os transportes para os pontos de desembarque.

Balões de barragem para proteger o embarque das tropas americanas no porto de Palermo, na Sicília, contra o ataque dos aviões inimigos. Essas tropas foram efetuar o desembarque e ataque contra os alemães em Salerno.





Um avião americano faz uma aterrissagem forçada em Paestrum, na Itália. Pelas marcas na sua fuselagem nota-se que já tinha abatido três aviões alemães durante o desembarque dos americanos



Os soldados aliados na Itália foram ajudados pelos italianos, mas encontraram tremendo resisteção dos alemães. Na gravura acima, os italianos estão ajudando os reparos numa estrada. Em baixo: prisioneiros alemães, capturados numa vila do litoral, sendo conduzidos para um dos campos de concentração. Os alemães, em muitos casos, só se renderam depois de se verem de todo perdidos



(Continuação)

tática, a qual era de efetuar um desembarque inicial de uma pequena força, apenas, durante a noite, e prepararem-se para contra-ataque, ao amanhecer.

As primeiras tropas a desembarcarem foram os "Rangers", dos Estados Unidos, e os "Commandos", da Grã Bretanha, unidades especialmente treinadas para a luta corpo a corpo, e os "Seabees", da Marinha norte-americana, batalhões especializados em construção, conservação e reparos. Os Rangers e os Commandos estavam incumbidos de destruir as posições de metralhadoras que o inimigo tivesse estabelecido próximo à praia. Os Seabees deveriam instalar os postos de socorro médico e se encarregar do desembarque de tratores, de escavadoras mecânicas e outros maquinismos de construção.

Em seguida, desembarcou o grosso das tropas inglesas e americanas, com sua artilharia. Logo de início se verificaram muitas baixas, resultantes da explosão de minas e do fogo da artilharia nazista, mas às 4 horas do dia 9 de Setembro, numeroso conjunto de tropas já tinha desembarcado.

Os alemães romperam o contra-ataque às 10 horas, em vez de o fazerm de madrugada, como se esperava. Esta delonga proporcionou aos aliados várias horas, em pleno dia, para se prepararem melhor. E como a batalha de Salerno durou sete dias de intensa luta, custosa para ambos combatentes, é de supor que a demora do contra-ataque inimigo veio constituir a diferença entre a vitória e a derrota para o Quinto Exército. O primeiro ataque feito pelos alemães, das colinas onde se achavam, quasi aniquilou as unidades que tinham desembarcado.

Com seus poderosos canhões móveis de 88mm., e seus tanques reforçados, os nazistas romperam toda oposição até quasi a orla do mar, em alguns pontos. Os efeitos dessa tremenda carnificina eram notados na quantidade de mortos que, de parte a parte, se acumulavam na praia, de mistura com toda sorte de material bélico e de veículos destruídos.

Mas os Rangers, os Commandos e os Seabees, juntamente com outras tropas regulares, sustentaram suas posições e foram, aos poucos, abrindo caminho encarniçadamente, pelos morros acima, para garantir o desembarque de outros reforços, o que se verificou, em grande escala, durante a noite. A artilharia das unidades navais castigava sem cessar o flanco do inimigo. No dia seguinte, a aviação aumentava consideravelmente a sua proteção às forças invasoras, estabelecendo a sua superioridade no ar, fator importante na vitória que se seguiu.

Os recursos aéreos dos aliados foram, entretanto, sobre carregados até o máximo. Consta dos planos estabelecidos o uso de aviões na Marinha, com base nos porta-aviões que ficaram a setenta e cinco milhas da costa. Mas é necessário certo vento favorável para facilitar a decolagem de alguns tipos de aviões, e como estava reinando completa calmaria, os pilotos viram-se impossibilitados de tomar parte na ação. Quanto aos aviões de combate que tinham suas bases na Sicília, alguns deles tinham 15 minutos apenas para atacar o seu objetivo, antes que se esgotasse o combustível para o regresso.

A despeito destas dificuldades, mais de 2.000 aeronaves por dia atacaram a frente de Salerno. No dia 14 de Setembro, que foi o sexto dia da batalha, 1.888 aviões de bombardeio aliados lançaram 1.234 toneladas de explosivos na retaguarda das linhas inimigas. Naquele dia, os bombardeiros apareciam na razão de 1.5 por minuto. Noutros dias, a frequência era quasi a mesma.

Os alemães contra-atacaram repetidamente, mas não com o mesmo efeito devastador das suas primeiras investidas. Alguns dos ataques alcançaram a orla do mar, mas, em geral, eram sustidos longe da praia. O tenente-general Mark W. Clark, comandante do Quinto Exército dos Estados Unidos, percorria, de automóvel Jeep, a frente da batalha, informando-se dos menores detalhes. E foi por ele que seus soldados souberam da capitulação italiana e, mais tarde, da ocupação de Roma, pelos alemães.

No sétimo dia da batalha, o período crítico já havia passado. Os aliados lançaram uma ofensiva na região situada entre os rios Sele e Calore e repeliram os alemães, fazendo-os recuar, de uma feita, 14 quilômetros, e ocuparam o aérodromo de Salerno. Durante os sete dias da intensa batalha inicial, as tropas dos Estados Unidos sofreram 3.497 baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos. A batalha foi a mais sangrenta para as forças norte-americanas.

No oitavo dia, foi feito o primeiro contato com o Oitavo Exército Britânico, que vinha avançando pela parte oeste da costa italiana. Os aliados enfrentavam agora, com quinze divisões, os alemães na região de Nápoles, e continuavam avançando firmemente.



A esposa de um tenente do exército manda um presente para seu marido, que está numa das frentes de alémar. Os pacotes devem ser pequenos e bem amarrados, de acordo com o regulamento postal. Em baixo: há séculos que o perú tem sido o prato predileto nos festeiros do Natal, nos Estados Unidos. Nas fórgas armadas o tradicional perú é servido a todos, fato que vem impôr certa limitação no seu consumo público



NATAL DE GUERRA

O Natal, nos Estados Unidos, é a maior festa do ano. Além de ser um dia de adoração religiosa, é também consagrado à reunião das famílias, quando parentes e amigos se presentem mutuamente. Para aqueles que se criaram nos Estados Unidos, a expressão "espírito do Natal" tem uma significação particular, porque, acima de tudo, quer dizer reunião no lar, no seio da família, derivando assim um acentuado senso de amor paterno e de amor filial, e um sentimento de generosidade e de irmandade cristã para com o mundo inteiro.

Em tempo de paz, as estradas e vias férreas ficam superlotadas de tráfego no dia 24 de Dezembro, com enorme movimento, vivaz e alegre, de homens, de mulheres e de crianças que "vão passar o Natal em casa."

Reina uma atmosfera festiva, ansiosa por milhões de pessoas que cultivam com extraordinário carinho uma das mais belas tradições do país. Todos os anos, o serviço do Correio prepara-se para fazer face ao colossal movimento da expedição de cartões de "Bôas Festas e Feliz Ano Novo", que, numa variedade imensa de estilos e de dizeres, na maioria já impressos, constituem uma praxe consagrada, um verdadeiro dever gratamente cumprido por todos. Há ainda o vastíssimo movimento de encomendas postais, os presentes que, em envolvimentos de todas as variedades e de todas as dimensões são enviados de um ponto a outro do país, num trabalho de seleção e de entrega que absorve milhares de empregados postais e de mensageiros.

O campo, em geral, nessa época do ano já está coberto de neve. Nos lares, crepita o fogo das lareiras e em toda parte, nas residências, nas lojas e nas ruas, destacam-se as decorações de folhagens e de flores características da temporada. Em casa, ergue-se, brilhantemente iluminada, a tradicional árvore de Natal. E na noite da véspera do grande dia realizam-se as comemorações simbólicas, num ambiente festivo, radiante e comunicativo, em que até mesmo os menos favorecidos da fortuna nunca são esquecidos.

No dia de Natal, as crianças recebem atenções especiais, atenções que, frequentemente, são um prêmio de longa e tradicional expectativa. Recebem presentes, ricos e custosos uns, simples outros, mas todos são aceitos com a satisfação e o interesse peculiares às crianças. Na véspera de Natal, antes de irem dormir, elas penduram suas meias na lareira ou na costa de cadeiras. Na manhã do memorável dia, recebem os presentes, num mixto de surpresa e de curiosidade, porque acreditam que se trata de uma dádiva de Papai Noel, que, durante a noite, desceu pela chaminé com o seu grande saco de presentes, sempre fiel às suas promessas.

O dia transcorre entre celebrações e festividades em família. Logo pela manhã, na igreja local, festivamente decorada, com as cenas da Natividade, realizam-se os serviços religiosos que são uma inspiração à humanidade cristã. E às primeiras horas da tarde, há o jantar do Natal, acontecimento aguardado com grande expectativa pela família inteira.

Mas este ano, muitas famílias nos Estados Unidos estão separadas. Dez milhões de soldados e de marinhos — na sua maioria jovens que ainda guardam bem viva a lembrança de um Natal entre os entes que lhe são caros — estão impossibilitados de "passar o Natal em casa." Para eles o dia de Natal é um dos mais penosos, onde quer que estejam, longe dos carinhos da família. Tudo tem sido feito para que recebam os tradicionais presentes, por meio do serviço postal, para que possam assim ter a maior satisfação possível no sempre lembrado dia de Natal em casa. As autoridades do Exército e da Armada já tiveram freqüentes



Depois de terem capturado uma posição japonesa na Nova Guiné, estes soldados americanos aproveitam um interregno na luta, para abrir os presentes de Natal recebidos de suas famílias. Meia hora depois, estavam novamente em combate. A entrega das encomendas é feita até mesmo nas frentes de batalha. Em baixo: durante o Natal, uma lembrança dos entes queridos tem grande significação para estes combatentes na Ásia.



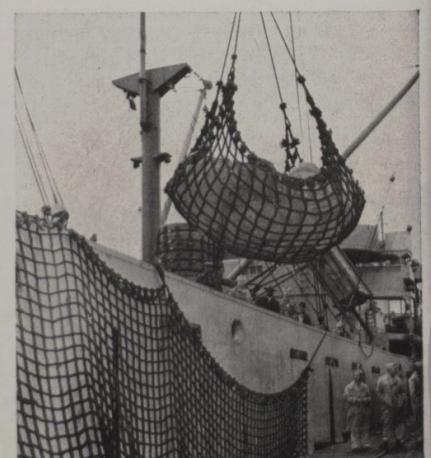
(Continuação)

provas da grande significação que o dia de Natal tem para aqueles que, longe da pátria, enfrentam a solidão forçada pelas contingências da guerra. Na Islândia, por exemplo, aos soldados americanos lá estacionados, foi dado escolher entre o recebimento, por via área, de mantimentos especiais e o correio do Natal. Todos, imediatamente, optaram pelo correio. Num dos aeródromos mais avançados na área do Mediterrâneo, os soldados do correio militar se recusaram a abandonar seus postos, a despeito do terrível tiroteio do inimigo, porque sabiam quanto era importante o correio do Natal para os seus companheiros combatentes. De modo a facilitar a remessa dos presentes de Natal destinados aos soldados, nos mesmos navios transportes de mantimentos e de material bélico, as autoridades militares solicitaram ao público que preparamasse os presentes com uma antecedência de dois ou três meses, afim de chegarem a tempo das festividades.

O ano passado seguiram seis milhões de encomendas postais para os combatentes nas frentes de ultramar, durante a temporada do Natal. Este ano, o movimento foi de vinte milhões de encomendas.

Há, às vezes, grandes distâncias a percorrer, entre o lugar do remetente e o do destinatário. Uma simples *sweater*, por exemplo, enviada de uma pequena vila situada no centro-oeste dos Estados Unidos, tem que fazer uma longa viagem até chegar à Islândia. O correio local americano, ao receber o pacote, verifica rigorosamente as dimensões do mesmo, de acordo com as exigências regulamentares. Daí, segue a encomenda para o porto de embarque, onde o pessoal do serviço postal militar, constante de 2.000 oficiais e de 20.000 praças, se encarrega de atender ao correio destinado aos soldados combatentes. A encomenda aguarda transporte durante um mês, até que haja espaço disponível para os numerosos volumes que constituem essa classe de carga a bordo do cargueiro que se destina à Islândia. Quando o navio chega ao seu destino, o inverno já está se fazendo sentir com todo o rigor. E a última etapa da jornada é feita em trens tirados por cães, até o pequeno e longínquo posto de defesa, onde, apesar da distância, reina entre os soldados o "espírito do Natal."

Para aqueles que enviam cartões e presentes aos soldados que estão passando o Natal sob as incertezas do dia seguinte, empenhados nas rudes missões da guerra, há uma indizível satisfação de saber que o seu cartão ou o seu presente foi entregue ao destinatário. E' por isto que as autoridades militares fazem questão de manter esse serviço cuja significação se reflete no próprio ânimo da tropa.



Encomendas postais — presentes de Natal para soldados e marinheiros, ao serem embarcados em Atlantic City. O serviço postal militar é feito por 22.000 homens, oficiais e praças que se entregam a esse importante trabalho



Apesar de estarem longe da pátria, os soldados americanos nunca deixam de fazer a decoração dos edifícios e dos refeitórios e de armazéns a sua árvore de Natal



Durante uma festa de Natal oferecida pela Cruz Vermelha aos soldados numa base na Terra Nova. Essa organização tudo faz para manter o "espírito do Natal"

UM PRECURSOR DE BOLÍVAR



A força incontrolável do espírito de liberdade que, depois de tantas lutas assegurou aos povos da América a sua ansiada independência, teve no batalhador venezuelano Francisco de Miranda um dos mais destemidos e valosos elementos de ação. Esse vulto de destaque na libertação de vários povos hispano-americanos foi um verdadeiro precursor de Bolívar. Nasceu em Caracas, em 1750 e morreu na Espanha, em 1816, encerrado num cárcere, em Cádiz, onde o destino lhe marcou o fim inexorável de uma existência que a história haveria de registrar como das mais úteis e abnegadas.

O ciclo da sua intensa atividade em prol da causa da libertação estende-se desde os tempos da guerra da independência dos Estados Unidos, na qual se bateu como capitão do Exército espanhol, até os gloriosos embates da Revolução Francês, que o teve como um dos seus generais. Hoje, seu nome está gravado no histórico Arco do Triunfo, em Paris.

A ação mais persistente dêsse incansável libertador foi, entretanto, no seio das colônias espanholas na América, onde se revelou inexcedível na obra de pregar e disseminar a idéia da independência. Sua permanência na América do Norte, num período de quasi dois anos, proporcionou-lhe grandes benefícios intelectuais e materiais. Em 1783 fez a sua primeira viagem aos Estados Unidos, que acabavam de terminar a sua guerra da independência. A unidade nacional era todavia uma idéia incipiente pela qual tanto se esforçavam Washington, Jefferson, Hamilton e Madison, com quem Miranda travara conhecimento pessoalmente. O extraordinário interesse em assuntos militares demonstrado pelo líder venezuelano chegou a provocar um comentário de John Adams, segundo presidente dos Estados Unidos, afirmando que "Miranda tinha um

conhecimento inexcedível dos detalhes de todas as campanhas, de todas as batalhas e de cada escaramuça." Soldado valoroso e também homem de grande valor intelectual, Miranda, nos Estados Unidos, não deixou de notar o ambiente democrático local, caracterizado por uma liberdade então desconhecida na América do Sul, fato que o animou a levar a efeito a emancipação das colônias espanholas no Novo Mundo.

O seu contato com proeminentes cidadãos americanos daquela época deixou uma impressão profunda da sinceridade com que Miranda abraçava os ideais da liberdade. Thomas Paine, o grande panfletista cujos trabalhos tanto aceleraram a declaração de independência dos Estados Unidos, teve ocasião de privar com o cabo de guerra venezuelano, apreciando-lhe o vigor das convicções. "De um homem de tal fibra, declarou Paine, a causa da liberdade pode esperar incalculáveis benefícios."

O coronel Duer, dos mais distintos na campanha libertadora em Nova York, afirmou que "Francisco de Miranda era um cidadão do mundo, ansioso de aprofundar seus conhecimentos para aplicá-lo à mais nobre das causas." E o Dr. David Ramsey, de Charleston, que se honrava de ter entre seus amigos o "espírito libertador da Venezuela," acentuava que Miranda tinha pela liberdade "um amor e um entusiasmo que honrariam a nação mais livre do mundo."

De um diário conservado por Miranda, no qual ele registava suas impressões dos Estados Unidos, destaca-se uma referência à liberdade de cultos: "Cada um adora a Deus de acordo com a sua própria consciência. Não há religião dominante; todas estão no mesmo nível, respeitadas e dignificadas."

REFERINDO-SE a aspectos da vida norteamericana, marcou estas impressões do seu tempo: "É notável o efeito que o espírito de liberdade causou neste povo industrioso. Em pequenas áreas de terra vê-se o trabalho inteligente dos seus lavradores, que a cultivam não somente para o sustento da sua própria família, bem como para satisfazer o pagamento de impostos e levar uma vida cômoda e feliz, mil vezes mais venturosa do que a que levam os ricos senhores de terras férteis no México, no Perú, na Venezuela ou em qualquer parte dos domínios espanhóis na América."

Miranda conheceu Washington em Filadélfia, durante uma recepção na sede do governo da confederação de estados independentes, ainda um tanto desunida. Não lhe passou desapercibida a grande influência moral exercida pelo chefe do governo americano sobre os seus concidadãos que, às vezes, demonstravam até ao excesso a sua admiração.

Em 1784, Francisco de Miranda deixou os Estados Unidos, só voltando em 1805, depois de passar vários anos na Europa, em constante atividade a bem da independência dos povos ibero-americanos. O fim da sua segunda viagem à América do Norte foi organizar uma expedição para dar combate decisivo à dominação espanhola na sua pátria. E assim, partiu de Nova York, no vapor *Leander* à frente de duzentos voluntários americanos. Mas, infelizmente entre os venezuelanos, o ambiente libertário estava ainda incompleto, o que obrigou Miranda a se retirar, por falta de elementos locais. Não obstante, quatro anos mais tarde, tentava novamente, mas com êxito fugaz. Conquanto tivesse sido um dos signatários da declaração de independência da Venezuela, em 1811, caiu prisioneiro e foi conduzido para a Espanha, onde morreu, em Cádiz.



Os Estados Unidos em guerra: vê-se à direita o casal Robert Avery, de 73 anos de idade, festejando suas bodas de diamante durante a hora do almoço numa fábrica de aeroplanos na Califórnia, onde esposo e esposa estão trabalhando. Com os jovens nas forças combatentes, a indústria absorve operários de todas as idades

As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capas, Exército dos Estados Unidos, Int., Int., Int., Páginas Interiores, 1—PA; 2—European, Foto Oficial do Governo da Noruega; 3—Bureau de Informações das Nações Unidas; 4—PA, Acme, H & E, Ewing; 5—Acme, PA; 6—Hibbert; 7—B.I.G., Carola Grigor (de Monkmeier); 8—B.I.G., Goro (de Monkmeier); 9—Everybody's Weekly"; 10—PA, Sovfoto, British Combined; 11—Sovfoto, PA; 12—Acme; 13—Acme; 14—Embassy da República da Honduras, United Fruit Co.; 15—CAI; 16, 17, 18—CAI; 19—Int., CAI; 20, 21—Marinha dos Estados Unidos; 22, 23, 24, 25—Alan Fisher; 26—Acme; 27—Acme; 28—PA; 29—CAI; 30—FPG, Int.; 31, 32—Int.; 33—Corpo de Sinaleiros do Exército dos Estados Unidos; 34, 35—Acme, PA; 36—H & E, Int., Acme; 37—Int., Acme; 38—H & E; 40—Keystone View Co. Abreviações: Int., International; PA, Press Ass'n; H & E, Harris & Ewing; CAI, Coordenador de Assuntos Interamericanos.